

**Relatório Final do Programa para a criação do
Centro de Artes do Carnaval em Torres Vedras**

Março de 2006

Equipa Técnica

Equipa da Quaternaire Portugal

José Portugal (coordenação)

Elisa Pérez Babo

Isabel Leal

Consultores externos

Henrique Coutinho Gouveia

Jaime Azinheira

Joaquim Barreiros

Paula Guerra

Rui Mealha

ÍNDICE

1. Do Programa à Organização	5
2. Orientações programáticas	5
2.1. Programa Museológico	5
2.1.1. Política de incorporações e sistemas de documentação	
2.1.2. Reserva e conservação	
2.1.3. Política de interpretação	
2.2. Programa de Animação e Expressão Artística	15
2.2.1. Secção de educação artística	
2.2.2. Ateliers temáticos de expressão artística	
2.2.3. Oficinas de apoio aos festejos do Carnaval	
2.2.4. Oficinas de animação	
2.2.5. Organização do Festival do Humor	
2.3. Componentes comerciais	20
3. Organização e funcionamento	24
3.1. O CAC no contexto da autarquia	24
3.1.1. Os recursos humanos da Autarquia no sector da Cultura e Turismo	
3.1.2. Apreciação de resultados e formulação de propostas	
3.2. Modelo organizativo do CAC	34
3.3. Estrutura orgânica	34
4. Do Programa ao Espaço Arquitectónico	54
4.1. Implicações espaciais do programa	54
4.2. Programa Preliminar – Indicações para uma intervenção arquitectónica	67
4.2.1. Considerações gerais	
4.2.2. Vertentes de intervenção	
a) Reabilitação das construções existentes	

- b) Execução de novas construções.
 - c) Tratamento dos espaços exteriores
- 4.2.3. Principais termos conceptivos da intervenção
 - a) Localização e implantação do programa – o lugar
 - b) Conceito geral
 - c) Sistema espacial, imagem e padrões de linguagem
- 4.2.4. Aspectos construtivos
- 4.2.5. Espaço público de enquadramento e serventias urbanísticas
- 4.2.6. Aspectos operativos
- 4.2.7. Especialidades técnicas envolvidas e correspondentes exigências preliminares

5. Avaliação estratégica de mercados 75

6. Condições de viabilidade financeira 103

ANEXOS

- Plano de Acções da Área de Animação e Expressão Artística para o Biénio 2006/07
- Fichas de Acção com descrição e orçamento
- Programa Preliminar do Centro de Artes do Carnaval – desenhos e plantas

1. Do Programa à Organização

No 1º Relatório pretendia-se alcançar a definição de um conceito para o Centro de Artes do Carnaval. Apontavam-se já algumas orientações programáticas que agora se retomam, se desenvolvem e aprofundam em ordem à definição de um modelo de organização e funcionamento que dê corpo a essas orientações.

Os objectivos estratégicos do Centro de Artes do Carnaval referenciam-no sempre ao relacionamento com a cidade e o concelho e aos públicos que deverá ir conquistando através das suas propostas e actividades. A organização do Centro reflectirá necessariamente esta orientação: espaço plural e multidisciplinar, de experimentação e inovação, mas também de tradição e memória, instalado num edifício com uma carga simbólica forte ligada à morte, e que o CAC é desafiado a manter em permanente subversão com o sentido da celebração da vida por via das Artes e da Festa.

2. Orientações programáticas

2.1. Programa museológico

2.1.1. Política de incorporações e sistemas de documentação

A questão da política de incorporações a pôr em prática pelo Centro de Artes do Carnaval, reveste um carácter determinante pelas implicações que as diversas soluções a adoptar acarretam para a entidade, uma de natureza mais programática que se prende com o papel a fixar-lhe no respeitante à incorporação e processamento de testemunhos patrimoniais, outra de natureza mais prática, que tem que ver com o facto de os objectos relacionados com o Carnaval serem habitualmente grandes consumidores de espaço, de equipamento e de recursos humanos para assegurarem o seu manuseamento e manutenção.

Os valores patrimoniais passíveis de incorporação nesse estabelecimento começam por ser constituídos pelo que se poderá qualificar como “acervo histórico”, ou seja

aqueles que são capazes de documentar as origens e evolução do Carnaval torriense. Estar-se-á então em presença de uma colecção limitada, posto que constituída por testemunhos de natureza e características bastante diversificadas.

A definição de uma política de incorporações revestirá maior complexidade no caso dos testemunhos que têm origem numa fase mais recente das festividades carnavalescas, dada a continuidade e o volume dos materiais daí decorrentes. Trata-se, no entanto, do tipo de testemunhos que as actuais gerações melhor identificam com o Carnaval torriense e que consideram de imediato como a sua memória.

Sucede todavia que esta linha de intervenção irá suscitar problemas de difícil resolução, dada a possibilidade, que se antevê, de um crescimento muito acentuado das colecções. Um tal cenário começará assim por exigir uma política de incorporações não só rigorosa como fortemente selectiva, em que à documentação preparatória dos acontecimentos e de carácter indirecto terá que ser conferida uma posição dominante, muito embora articulando-a com a integração de testemunhos de maior visibilidade mas de instalação mais difícil. Acresce que se está aqui em face de testemunhos de índole precária, aparentemente mais frágeis, cuja instalação e conservação terá por conseguinte de ser objecto de análise cuidadosa.

A este respeito, impõe-se desde já uma chamada de atenção para a diversidade dos testemunhos a incorporar pelo futuro Centro, e que virá portanto a dar origem a um sistema de documentação complexo. Daí a dificuldade de concepção do sistema de registos correspondente, exigindo uma aplicação informática em conformidade que deverá permitir a gestão integrada de uma vasta gama de materiais.

Daquilo que ficou dito deverá depreender-se que a figura do *centro de artes* permitirá conceber com maior flexibilidade o papel desse estabelecimento no tocante à evolução recente do Carnaval de Torres Vedras e à salvaguarda e valorização dos testemunhos daí resultantes.

2.1.2. Reserva e conservação

A área de reserva do CAC deverá responder em termos físicos (acessos, área útil, equipamento para acondicionamento e armazenamento, condições de climatização) às características dos elementos que vierem a constituir o seu acervo relacionado com o Carnaval (desenhos, maquetas, objectos histriónicos como indumentárias, máscaras, objectos de arremesso, etc.), aos materiais de fabrico (papel, pasta de papel, gesso, fibra de vidro, etc.).

As acções de manutenção, conservação e restauro dos objectos museológicos a desenvolver, serão as exigidas pela tipologia de peças e pela natureza dos materiais utilizados no seu fabrico. Salienta-se, como foi referido anteriormente, que uma parte significativa do “acervo histórico” que documenta as origens e a evolução do Carnaval torriense é constituído por material documental que exige um tipo específico de acondicionamento e de conservação.

Este é um domínio em que valerá explorar sinergias e otimizar recursos existentes no quadro das instituições culturais tuteladas pela autarquia (Museu, Biblioteca e Arquivo), explorando as competências específicas existentes em cada uma destas entidades.

2.1.3. Política de interpretação

A **função museológica** contará com uma área expositiva e uma área documental que desenvolverão as suas actividades enquadradas pelas componentes temáticas definidas anteriormente: o Carnaval, a Máscara e o Humor e a Sátira.

Destacam-se nesta função a preservação e divulgação da memória e da tradição do Carnaval de Torres, permitindo ao público interessado – população escolar e investigadores, visitantes locais e forasteiros tomar contacto durante todo o ano com as variadas expressões desta celebração colectiva.

Da documentação sobre o Carnaval de Torres, salienta-se o conjunto de documentos existente na Biblioteca Municipal: livros, trabalhos de investigação universitária, revistas (“Carnaval de Torres Vedras”, “O Barrete”, “Zona Oeste”, “Torres em Agenda”, “A Hora”), a que se junta uma doação do Sr. Adão de Carvalho que tem vindo a ser tratada pelos serviços da Biblioteca (composta por colecções várias de documentos e publicações: textos manuscritos e dactilografados, grande colecção de positivos fotográficos e de material gráfico (cartazes, folhetos, flyers, programas, livres-trânsito, bilhetes de entrada).

Além deste acervo, referencia-se no quadro seguinte um conjunto de pessoas e instituições que possuem um conhecimento directo ou espólio relacionado com os preparativos ou festejos carnavalescos que possam vir a ser interessantes para o CAC.

CAC Torres Vedras
informadores/espólios

Personalidade, instituição	Especialização Localização do espólio	Informações, histórias de vida	Espólio fotográfico	Espólio documental	Artefactos carnavalescos
Espólio Adão de Carvalho	Biblioteca Municipal		X	X	
Dr. Venerando de Matos	Historiador, professor do ensino secundário	X			
Bruno Brandão de Melo	Empresa Gulliver (criação e construção dos carros alegóricos)	X			Maquetas dos carros alegóricos, bonecos, cabeçudos
Dr. José Pedro Sobreiro	Artista plástico e professor do ensino secundário			Desenhos dos carros alegóricos	Maquetas
Carlos Cunha	Técnico de turismo da CMTV	X			
Ana Maria Batalha		Caracterizadora do grupo “Ministros e Matrafonas”			
Ana Maria Aires	Filha de Stélio Alves (personagem mascarado de polícia sinaleiro durante 23 anos) e elemento da <i>Pandilha</i>	X			
Luís Manuel Raimundo Correia – o <i>Corneta</i>	Faz parte da <i>Pandilha</i> e dos <i>Ministros e Matrafonas</i>	X	X		
Dr. Jaime Umbelino	Escreveu muitos anos os discursos do Rei do Carnaval	Carnaval no Estado Novo (1940/50) e período revolucionário do 25 de Abril			
Mário Maurício e Mário Sousa Dias	Pertencem ao grupo <i>Ministros e Matrafonas</i>	X		X	

Personalidade, instituição	Especialização Localização do espólio	Informações, histórias de vida	Espólio fotográfico	Espólio documental	Artefactos carnavalescos
Gil Rodrigues e António Silva	Pertencem ao grupo Pandilha desde o início (década de 1940)	X	X		
José Afonso Torres	Integrou a Comissão nos anos 60, fez desenhos satíricos; sobrinho de Amílcar Torres, artista plástico com trabalhos carnavalescos	X		X	
Francisco Porfírio – o Chico da Bola	Fabricante de cabeçudos em pasta de papel; tem realizado ateliers de construção de cabeçudos e gigantones com crianças		X		
Aquilino Rodrigues da Silva Santos			X	X	
Miranda			X	X	
Carmina					Volumoso guarda-roupa carnavalesco
Associação Leonel Trindade	A associação guarda o espólio pertencente a Leonel Trindade		X	X	X
Dr. António Carneiro	Presidente da Região de Turismo do Oeste; ex-vereador da CMTV; grande impulsionador do Carnaval de Torres	X			
Dr. Carlos Miguel			X		
Maria Helena Aspra de Matos				Material iconográfico pertencente ao arquivo do marido, Venerando Ferreira de Matos	
Jorge Travanca	Criativo do Carnaval – gerente da empresa <i>Ponto Zero</i> , produtora de carros alegóricos			Desenhos dos carros alegóricos	
António Galvão	Coleccionador e fotógrafo amador		X	X	

António Cruz e Renato Valente	Membros da Comissão de Carnaval				
Fotografia Ezequiel	Herdou o espólio da Fotografia Rocha (1920/30)				
António Verino	Confeitaria Havaneza		Faz fotografias ao corso todos os anos		
Perdigão	Coleccionador				
Ana Margarida Costa Santos	Estágio do curso de antropologia do ISCTE na CMTV			Dossier de recortes de jornais (entre 1901 e 2003)	
Dr. Paulo Raposo	Tese de doutoramento em Antropologia pelo ISCTE sobre o Carnaval de Torres				

Nesta função, os **sistemas de documentação** constituem o capital de base a mobilizar, devendo referir-se aqui esta necessidade de alimentação das actividades a desenvolver e a consequente dependência do trabalho de pesquisa.

Salienta-se a importância das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), com suportes multimédia passíveis de interactividade, a utilizar no plano interpretativo, que poderão tornar o contacto com o público mais atractivo: desde o tratamento informático dos sistemas de documentação (o património documental é seguramente o mais vasto e importante relativo ao Carnaval de Torres), que permite a sua consulta por parte dos utentes, no local ou remotamente, e confere à área da documentação uma dimensão pública, até ao tratamento dos conteúdos expositivos.

A utilização das TIC como elemento de prolongamento do programa expositivo do Centro, quer através da utilização de peças multimédia no espaço expositivo, quer pela sua extensão extra-muros na Internet, designadamente através da criação de um *website*. A presença do CAC na Internet deverá compreender três componentes:

- **Informativa** – com informações gerais sobre o CAC: missão e objectivos, estrutura, áreas funcionais, equipa, localização, horário de funcionamento, preços de entrada; *facilities*, inscrição em *workshops*, *ateliers* e espectáculos, compra de produtos da loja, aluguer de instalações; agenda de eventos (exposições, ateliers, outras manifestações), etc.
- **Conteúdos** – extensão das exposições permanentes ou temporárias para uma componente Internet, ou mesmo visitas virtuais, acesso e pesquisa *on-line* de bases de dados, preparação de visitas dirigida a docentes
- **Comunidades** – Relacionamento interactivo com públicos-alvo, com vista a criar ferramentas de fidelização de públicos do tipo *guestbook* ou dinâmicas que levem à criação de clubes dos amigos do CAC, com actividades a desenvolver no âmbito das sugestivas temáticas do Carnaval e do Humor.

A **exposição** apresenta-se neste contexto como meio de comunicação emblemático, tendo habitualmente como tipologia de referência aquela que se fundamenta na

duração do seu período de apresentação e daí as designações de temporária e de permanente. A possibilidade de introduzir aqui uma situação intermédia, adoptando um critério de renovação parcial, embora continuada, dos conteúdos da exposição poderá constituir uma opção viável, uma vez que essa transformação progressiva permitirá manter vivo o interesse dos visitantes. Esta estratégia contribuiria também para moderar sensivelmente os encargos financeiros e de gestão do espaço que advêm da dinâmica que se torna necessário imprimir à rotatividade das exposições temporárias. Estaríamos perante o que se poderá designar como exposição de referência, a que se tornaria necessário imprimir uma dinâmica de renovação susceptível de lhe conferir uma atractividade continuada.

Neste momento são insuficientes os dados para fazer uma avaliação, para além da percepção da tipologia de objectos passíveis de incorporação na componente museológica do CAC. Esta situação só será ultrapassável após o levantamento e inventário do que se encontra na posse de particulares e colectividades. Será entretanto necessário fazer uma avaliação da política de incorporações de testemunhos materiais relativos ao Carnaval de Torres e, em conformidade com isso, tomar as decisões em função da sua relevância patrimonial, da pertinência no âmbito do discurso expositivo e das limitações do espaço adstrito a essa função.

ÁREA DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO

Esta Área será estruturada em torno de áreas e projectos de trabalho organizados segundo os seguintes domínios temáticos:

O Carnaval de Torres

- Inventário e recolha da documentação escrita e iconográfica existente
- Dinamização do estudo e apoio à investigação sobre o tema

O Carnaval Mediterrânico / As festas de Inverno e do Carnaval em Portugal e na Europa Mediterrânica

- Criação de uma base de dados sobre o tema.

- Apoio e dinamização do estudo do fenómeno do Carnaval e das Festas de Inverno no espaço mediterrânico.
- Criação de um site do CAC que aborde, divulgue e forneça informação sobre os temas da máscara e dos mascarados, e das tradições associadas como as danças, as músicas, as percussões, etc.

O Humor

- Criação de um centro documental sobre a caricatura, o cartoon e outras expressões caricaturais e humorísticas, que contribua para a valorização, a investigação e a difusão dos fenómenos do riso, do humor e da fantasia.

ÁREA EXPOSITIVA

Carnaval de Torres

- Apresentação da evolução histórico-social do **Carnaval de Torres**, nomeadamente os bastidores do Carnaval, o fabrico dos trajes carnavalescos e do conjunto dos elementos festivos, as personagens tradicionais, os corsos, etc.

Atlas do Carnaval

- Apresentação das tradições das festas de Inverno e dos carnavais em Portugal e na Europa Mediterrânica.

A Máscara

- Abordagem aos aspectos plásticos e formais e apresentação dos seus usos e funções em contextos rituais e festivos.

O Humor

- Apresentação e contextualização dos fenómenos do riso, da sátira e da fantasia através de exposições temporárias de *cartoon* e caricatura, da exibição de filmes, etc.

2.2. Programa de Animação e Expressão Artística

Esta área de actividade assumirá a responsabilidade de alimentar uma animação permanente do Centro fazendo circular públicos, com incidência nos praticantes e frequentadores de oficinas, em cursos e workshops. Daí que as acções que propõe se não devam esgotar nas actividades directamente ligadas ao Carnaval, que correriam o risco de se esgotar rapidamente e não seria fácil de adaptar ao ciclo anual do calendário, como a seguir se justifica.

De um modo geral, todas as cidades ou regiões que têm uma prática tradicional no domínio das artes decorativas com expressões que atingem elevado nível seja em que domínio for, são beneficiárias a montante de uma matriz cultural que envolve uma forte componente de educação artística, transmitida em meio oficial, escolar ou mesmo familiar.

De facto, a apetência das populações por práticas que envolvem, de algum modo, intervenções de índole artística, têm por vezes raízes históricas pouco evidentes ou sequer suspeitadas, com frequência, muito anteriores à erupção do fenómeno. A educação artística, mesmo quando desligada à partida de qualquer aplicação previsível e imediata, tem-se revelado uma componente fundamental no desenvolvimento cultural e cívico dos cidadãos, como factor de integração social, produzindo inesperados frutos na afirmação da sua identidade que frequentemente acabam por se traduzir em relevância económica bastante expressiva.

Entende-se, pois, que as actividades desta Área de Actividade do CAC não se devem circunscrever às que são imediatamente aplicadas nos rituais de Carnaval, e isto por duas ordens de razões:

- As actividades relacionadas com os referidos rituais, foram construindo um estereótipo que é constituído por um inventário típico de formas e pressupõe um conjunto de processos técnicos para os executar, cuja reprodução tende a tornar-se circular e a encerrar-se em si mesma.

Para quebrar esta tendência circular é necessário dotar as gerações emergentes de uma formação com outra mundividência, de preferência tão diversificada quanto possível, de modo a criar condições para o aparecimento de um repertório de expressões mais rico e aberto que possa ir introduzindo factores de renovação, não só nestas mas também noutras festividades e demais actividades culturais.

- Sendo o Carnaval um fenómeno circunscrito a um curto lapso de tempo, é previsível que tenha um período de influência sazonal de apenas alguns meses, parecendo desejável que esta Área tenha uma actividade regular e diversificada ao longo de todo o ano, já que ela será um factor determinante para garantir ao CAC um nível de atractividade permanentemente elevado.

Pelas razões expostas se propõe que a **Área de Animação e Expressão Artística** seja definida com base em quatro vectores de actividade distintos:

1. **Secção de educação artística**
2. **Ateliers temáticos de expressão artística**
3. **Oficinas de apoio aos festejos do Carnaval**
4. **Oficinas de Animação**

2.2.1. Secção de Educação Artística

Esta secção deverá ser responsável por uma programação anual de cursos livres de Educação Artística que gradualmente poderá diversificar o seu público-alvo dirigindo-se a três níveis etários (*adultos, jovens e crianças*). Poderá estender a sua oferta por diversas áreas artísticas:

- Artes Plásticas (Desenho; Pintura; Escultura; Técnicas Gráficas, etc.)
- Expressão musical
- Expressão dramática e Dança
- Fotografia, Vídeo e Multimédia

Estes cursos podem ser organizados por módulos e deverão ser dirigidos a grupos de alunos pouco numerosos. Não se inserem numa oferta regular de ensino artístico já que o CAC não configura uma escola de natureza profissional nem se destina a conferir qualquer grau académico; antes pretende apresentar ao público uma oferta de cursos que sensibilizem e despertem o interesse pelas diferentes artes e que estimulem as capacidades de observação e de expressão artística.

É de referir que estes cursos apresentam, de um modo geral, uma forte procura, pelo que podem alcançar independência financeira.

2.2.2. *Ateliers temáticos ou workshops de expressão artística*

Esta secção será responsável pela vertente de animação cultural e de integração social. Terá por base o estabelecimento de ligações entre a temática do Carnaval e da máscara, do humor e da sátira, com diferentes áreas de expressão artística, para cumprir desde objectivos lúdicos até aos de alguma formação (artística, pedagógica, de animação cultural, etc.).

Funcionará através de realizações pontuais, contextualizadas em situações específicas e que poderão incidir sobre matérias diversas, nomeadamente:

- construção de gigantones e cabeçudos
- fabrico de máscaras
- expressão corporal e dramática
- expressão musical (construção de instrumentos musicais; formação de grupos de bombos – *drums*)
- construção e manipulação de fantoches e marionetas.
- cinema de animação
- fotografia criativa
- Desenho no computador
- Cenografia, figurinos e adereços de cena.
- etc.

2.2.3. Oficinas de apoio aos festejos do Carnaval

Este poderá ser um domínio de grande ligação ao tecido educativo e associativo da cidade, bem como aos criativos e produtores de elementos histriónicos.

O CAC poderá (deverá) constituir um equipamento importante de apoio à organização dos festejos carnavalescos:

- i) pela sua acção de preservação da memória e da tradição, através da área interpretativa, em particular, que confere aos festejos diferenciação e identidade – aqui se localizará o repositório da memória do Carnaval de Torres, que permitirá obter elementos sobre as evoluções estilísticas e técnicas
- ii) pela disponibilização de espaços de trabalho para confecção dos trajes e das máscaras e para construção dos adereços do corso aos grupos organizadores dos festejos do Carnaval de Torres Vedras;
- iii) pela organização de ateliers de expressão artística, que poderão contribuir para um rejuvenescimento das linguagens plásticas dos elementos decorativos e das coreografias e pela qualificação do Carnaval de Torres no seu conjunto.

2.2.4. Oficinas de Animação

Um dos objectivos da criação do equipamento será devolver à cidade uma parte importante do seu espaço urbano – entre as margens do rio Sizandro e o bairro do Matadouro, onde se localiza – atribuindo-lhe uma vocação de lazer ‘intensivo’ com uma animação de carácter lúdico e cultural regular e a reabilitação de um edifício interessante da cidade conferindo-lhe um destino e uma utilização definidos.

1. O espaço exterior deverá, neste contexto, ser apropriado pelo CAC e pelas suas actividades com recurso a instalações, esculturas de carácter permanente ou efémero, de raiz satírica ou fantástica, privilegiando os trabalhos realizados nos ateliers de expressão plástica.

2. A construção de um teatro ao ar livre destinado a representações de teatro satírico, teatro clássico (com utilização de máscaras); ópera bufa, e outras manifestações, seria igualmente uma forma interessante de manter uma ligação ao espaço exterior, já que estas manifestações eram originariamente de ar livre.

2.2.5. Organização do Festival de Humor no solstício de Verão (C.O.M.e.D.I.A.)

Poderá caber a esta área do CAC o lançamento de um projecto de um Festival de Verão que surja como um evento em torno do Humor e das Artes de Rua, condizentes com a tradição do Carnaval de Torres, mas com características próprias e inovadoras e que permita a Torres Vedras inserir-se em redes e parcerias que estimulem a abertura a novas manifestações e estéticas das animações de rua.

Este Festival deverá apoiar-se numa rede de contactos e parcerias com entidades que têm experiência neste domínio, que poderão orientar workshops no CAC em ordem à preparação e construção do evento. Elencam-se, de seguida, algumas áreas que poderão integrar este Festival:

- Teatro de rua
- Teatro de robertos
- Teatro de marionetas
- Teatro de sombras
- Teatro com máscaras (clássico, medieval, barroco)
- Teatro cantado (zarzuela,...)
- Teatro de revista
- Teatro Nô (Japão)/Ópera chinesa
- *Clowns* (palhaços)/Novo circo
- Gala de humoristas
- Grupos de bombos tradicionais e urbanos (*drums*)
- *Hip-hop*
- (...)

Afirmar este evento no contexto da Europa do Sul - afirmando o espaço mediterrânico cada vez mais como um espaço multicultural sem fronteiras - integrando-o num roteiro de festivais como aqueles que se realizam em Tárrega (Espanha) e Aurillac (França).

Propõe-se a constituição de uma parceria estratégica com o **Festival Sete Sóis Sete Luas**. Este é um projecto nascido em 93 promovido por uma Rede Cultural de cerca de 30 cidades, de pequena dimensão, de cinco países: Cabo Verde, Grécia, Itália, Portugal, Espanha. Afirmar-se como um projecto de descentralização cultural que privilegia a música popular, o teatro de rua e as artes plásticas. É um projecto que pretende defender e valorizar a cultura mediterrânica das Terras do Vinho, do Azeite e do Trigo, a partir das suas manifestações culturais próprias. Foi vinte e três vezes galardoado com o Prémio Caleidoscópio da Comissão Europeia e duas vezes foi reconhecido pelo Programa Cultura 2000.

Apresenta-se, em anexo, uma proposta de **Plano de Acções da Área de Animação e Expressão Artística, para o biénio 2006/07**.

2.3. Componentes comerciais

A evolução recente das estruturas museológicas e patrimoniais tem demonstrado o interesse e a pertinência que reveste a integração de uma política comercial, por vezes ambiciosa, na definição das orientações gerais de gestão e desenvolvimento dos projectos. A tendência para inserir nos museus serviços de natureza comercial permite não só dilatar o tempo de permanência dos visitantes como criar condições de maior conforto nos casos em que as estadias tenham tendência a prolongar-se. Intensifica-se também assim a relação com os utentes através da aquisição de produtos evocativos das temáticas e colecções dos museus, pelo que essa tendência veio a tornar-se, nos últimos anos, um factor de sustentação financeira destas instituições, para além do impacto que se lhe poderá reconhecer em termos da fidelização de públicos-alvo.

O projecto do Centro de Artes do Carnaval apresenta, pela temática que aborda, pela qualidade do espaço arquitectónico, um potencial significativo em termos de oferta de serviços e produtos comerciais. No que toca à utilização dos espaços de instalação para fins de natureza recreativa e lúdica, associada ao consumo de serviços de bar, é igualmente previsível que o mercado alvo adira de forma muito significativa. Dentro deste quadro de situação, consideram-se como objectivos gerais da política comercial a prosseguir:

- facultar ao público utente um conjunto de produtos e serviços de natureza comercial que permitam prolongar a sua relação com o CAC, com a sua temática e com as colecções existentes;
- consolidar o carácter lúdico dos produtos oferecidos a alguns dos segmentos de público-alvo;
- aumentar o conforto oferecido aos visitantes, assegurando-lhes assim condições para uma maior permanência nas suas instalações;
- favorecer a integração desta nova instituição no tecido institucional e empresarial local e regional, permitindo a utilização dos seus espaços para outras manifestações e eventos promovidos pelo próprio estabelecimento ou da iniciativa de terceiros;
- desenvolver um nicho de mercado relacionado com a temática do Carnaval, na diversidade das suas manifestações culturais, incluindo diferentes tipos de produtos de índole lúdica (máscaras, fantasias, cocotes, edições em livro e DVD, etc.)
- diversificar as fontes de receita deste organismo, contribuindo para aumentar o grau de auto-financiamento da sua exploração.

No âmbito da política comercial do Centro de Artes do Carnaval, considera-se que serão de promover os seguintes ramos de actividade: serviço de bar; venda local de produtos; vendas por *mailing/internet*; aluguer de espaços a terceiros. Cada um destes ramos de actividade requer condições adequadas para a sua promoção, está orientado para públicos-alvo específicos e poderá ter uma implementação faseada no tempo.

i) serviço de cafetaria e bar

Os clientes deste serviço serão os funcionários, visitantes e utilizadores dos serviços e das actividades desenvolvidas pelo CAC (frequentadores das oficinas e outras actividades desenvolvidas). Poderá dispor de alguns lugares sentados, designadamente na esplanada que se propõe venha a ser criada no pequeno alpendre central. Deverá fornecer essencialmente bebidas e bolos e poderá dispor de um serviço de refeições ligeiras e com capacidade de resposta rápida a um número elevado de clientes (visitantes/frequentadores de acções de animação, em grupo). Para além destes serviços, serão de incluir outros, sem implicações directas em termos de afectação de recursos humanos, orientados fundamentalmente para grupos escolares. Tem-se aqui em mente a instalação de máquinas /distribuidores de alimentação e bebidas.

ii) venda local de produtos

A loja deve possuir condições que permitam a apresentação de uma boa diversidade de produtos, devendo também ser dotada de um serviço de atendimento de qualidade, a cargo de profissionais devidamente habilitados.

A oferta deverá conjugar produtos de *merchandising* lançados pelo CAC – com preços mais baixos e maior volume de vendas – com os produtos mais directamente relacionados com a visita, em particular os do domínio editorial e os produtos de índole pedagógica e lúdica mais exigentes, em especial aqueles que são habitualmente adquiridos como presentes.

Colocam-se aqui dois tipos de questões fundamentais, que são a da concepção ou selecção da gama de produtos em venda e a dos canais a utilizar pelo Centro para a sua obtenção. Estar-se-á portanto perante todo um conjunto de decisões que deverá merecer a devida atenção por parte da direcção do estabelecimento, socorrendo-se para o efeito dos concursos especializados que julgue mais convenientes.

iii) vendas por mailing/internet

Prevê-se que este serviço venha a ser promovido apenas numa fase posterior e na sequência de estudos adequados, uma vez que irá exigir uma estrutura logística

bastante sofisticada. Terá como objectivo o de alargar o âmbito do mercado-alvo de venda de produtos do Centro, na medida em que permite aceder a segmentos de compradores que não se deslocam às suas instalações. Considera-se especialmente vocacionado para produtos de qualidade, concebidos por iniciativa do estabelecimento e que põem em destaque a sua existência e actuação.

iv) aluguer de espaços a terceiros

A evolução do papel das instituições culturais no quadro do tecido institucional tem-se patenteado como factor de prestígio para empresas e outras organizações que, por essa razão, procuram uma maior aproximação com essas entidades, quer pela via da utilização das suas instalações quer através do seu financiamento (patrocínios e mecenato).

Considera-se desta forma que um dos vectores da estratégia comercial do CAC se deverá orientar para a promoção do aluguer dos seus espaços – auditório, praça interior – tendo em vista a realização de eventos (a realização de uma festa de Carnaval para filhos de trabalhadores de uma empresa, um baile de máscaras ou pequenas reuniões profissionais ou de negócios). O mercado-alvo desta oferta será constituído sobretudo pelo conjunto de instituições empresariais, entidades públicas ou outras organizações associativas de natureza cultural, social ou outra, localizadas no concelho ou na região envolvente. Numa perspectiva mais imediata, a prestação deste serviço limitar-se-á a uma disponibilização dos espaços pretendidos em condições adequadas aos eventos a promover. De referir no entanto que a política de parcerias ou de aquisição de serviços a empreender poderá vir a gerar formas de exploração alternativas, eventualmente mais rentáveis mas exigindo uma maior mobilização de recursos. Associar-se-á então a disponibilização do espaço ao fornecimento de serviços de *catering* ou a uma maior diversificação dos apoios organizativos e logísticos a prestar, beneficiando assim a realização dos acontecimentos previstos.

Na programação desta via comercial deverá ser concedida particular atenção à necessidade de prevenir quaisquer prejuízos de carácter funcional ou de ordem ética que daí possam advir ao estabelecimento.

3. Organização e funcionamento

3.1. O CAC no contexto da autarquia

A criação de um novo equipamento cultural de iniciativa municipal suscitou à equipa a necessidade de efectuar uma avaliação dos recursos humanos da Autarquia no sector da Cultura e Turismo, de molde a ter uma noção, o mais clara possível, dos recursos e capacidades existentes, bem como das suas insuficiências e fragilidades, a fim de permitir o maior entrosamento da oferta cultural do concelho e a rentabilização possível dos recursos.

Trata-se de um novo organismo que se vai localizar num território com um tecido institucional consolidado, onde operam já outras entidades e agentes culturais. Além das componentes organizativas que se encontram em quaisquer equipamentos, com maiores ou menores variantes, o desafio está em conseguir interpretar as dinâmicas locais e identificar e consolidar as parcerias geradoras de sinergias resultantes da partilha de recursos e de competências.

Seguidamente se apresenta uma análise, com base nos dados recolhidos e que nos foram sendo disponibilizados pelos serviços da autarquia, sobre

3.1.1. Os recursos humanos da Autarquia no sector da Cultura e Turismo

1. A análise da informação disponível relativamente aos recursos humanos da Autarquia na área da Cultura possibilita uma primeira apreciação tanto de ordem global como de carácter mais específico, incidindo então nos diversos serviços componentes.
2. Esses serviços compreendem uma Biblioteca, um Museu, um Arquivo, uma Galeria, um Teatro-Cine e um Gabinete de Animação Cultural, tendo como estrutura de enquadramento uma Divisão de Cultura e Turismo ¹.
3. Este enunciado permite começar por salientar a excessiva amplitude e diversidade de competências cometidas à Divisão, situação que, dado o leque de serviços

¹ Em alguma da informação obtida consta ainda um Gabinete de Estudos Torrienses.

dependentes, ocasiona por certo dificuldades de direcção e acompanhamento, pois nenhum dos organismos mencionados tem uma direcção formal.

4. A este propósito far-se-á notar que, com a próxima nomeação de uma chefia para a Divisão, o número de responsáveis por serviços culturais subirá para sete. Ora esse número representa uma percentagem de cerca de dezoito por cento do efectivo existente e faz com que as responsabilidades de direcção passem a mobilizar a quase totalidade do pessoal com habilitações de nível superior.
5. Sucede assim que a concentração a nível da Divisão de um elevado número de serviços se agrava, dada a inexistência de direcções próprias, situação essa que patenteia dificuldades acrescidas fruto da escassez de quadros que se verifica no seio dos diversos serviços.
6. Esse aspecto constitui um problema a enfrentar quando de uma próxima reorganização deste sector da administração local, sendo de apontar a tal respeito a opção já concretizada por algumas autarquias em favor de uma maior especialização administrativa a nível de divisão. O domínio do Património e da Museologia tem constituído, nesses casos, uma das áreas de intervenção contempladas.
7. Relativamente a Torres Vedras, a criação do Centro de Artes do Carnaval perfila-se como um factor determinante da reestruturação a operar caso esse estabelecimento venha a integrar a administração local.
8. A fim de se poder interpretar melhor a informação disponível, entendeu-se que um quadro resumo como aquele que se inclui em anexo se prefigura como um elemento de apoio da análise pretendida, pois permite evidenciar aspectos que se consideram como de real interesse. A tal propósito, lastima-se que a informação relativa ao Museu seja bastante precária.
9. O tratamento da informação processou-se nesse quadro em função dos seis serviços existentes, que determinam a sua ordenação vertical. A disposição horizontal compreende doze rubricas cuja informação se agrupa em quatro categorias, o que significa que os dados aí constantes só são cumulativos no seio de cada um desses agrupamentos.

- a. Desse modo, no caso do efectivo correspondente à Biblioteca, o pessoal com licenciatura pode adicionar-se àquele que possui mestrado ou doutoramento ou apenas o ensino secundário. E o mesmo sucede relativamente a pós-graduações e cursos técnico-profissionais ou ainda a técnicos superiores, técnicos profissionais, auxiliares técnicos, pessoal administrativo ou operário.
 - b. Neste contexto, pareceu conveniente separar as habilitações académicas daquilo que se considera como formação profissional, pois daí decorrem vantagens ainda que se reconheça que se está perante um critério com algumas fragilidades.
10. O exame do quadro resumo elaborado mostra que o efectivo autárquico compreendido neste sector totaliza trinta e sete elementos, dos quais apenas oito têm habilitações académicas de nível superior. Desses, sete são licenciados e um mesmo elemento acumula os graus de mestre e de doutor ².
11. Todo o restante pessoal possui apenas habilitações de nível secundário, o que representa uma percentagem superior a 80%. Neste terceiro grupo o número de funcionários que completou o ensino secundário é de doze, sendo de cinco o daqueles que concluíram o nono ano, acrescendo ainda dois com menores habilitações.
12. No tocante a pós-graduações ou cursos de especialização, constata-se que apenas três elementos são possuidores desse tipo de formação em que o carácter profissionalizante se poderá considerar como mais acentuado. Regista-se neste âmbito o caso de um profissional que acumula mais do que uma habilitação deste tipo ³.
13. Tal situação denuncia uma falta de formação superior especializada muito acentuada, posto que este panorama seja ligeiramente atenuado no patamar intermédio em que a formação técnico-profissional ronda os 30% do restante efectivo. De precisar que este diagnóstico é confirmado caso se entre igualmente

² As informações recebidas revelam algumas discrepâncias, pois o efectivo apontado para a Galeria Municipal varia entre dois e três elementos. Constata-se também que no Museu existe uma técnica superior de conservação e restauro, não se especificando todavia quais as suas habilitações.

³ Trata-se de uma pós-graduação em Gestão das Artes, que se conjuga com a frequência de um curso de Alta Direcção em Administração Pública.

em linha de conta com licenciaturas, mestrados e doutoramentos, pois não constam aí cursos de índole tecnológica ⁴.

14. A distribuição do efectivo existente por categorias revela a existência de seis técnicos superiores, onze técnicos profissionais e onze auxiliares técnicos, a que se adicionam cinco funcionários administrativos e quatro que se podem considerar como pessoal operário. Há ainda outros quatro elementos que se encontram em situação profissional precária.
15. Estes dados permitem concluir que na sua grande maioria o efectivo camarário beneficia de uma situação profissional estável, sendo cerca de 75% a percentagem correspondente. Esse objectivo parece assim prefigurar-se como um dos vectores da Autarquia em matéria de política de pessoal.
 - a. Registam-se todavia alguns desfasamentos no respeitante às habilitações literárias, visto que existem licenciados não integrados na carreira de técnico superior.
 - b. O pessoal em situação precária atinge maior expressão no caso do Teatro-Cine, pois ascende aí a cerca de metade do quantitativo.
16. A distribuição dos recursos humanos pelos diversos serviços patenteia-se como outro factor a ter em atenção, verificando-se que a Biblioteca e o Museu absorvem em conjunto vinte e seis elementos, ou seja aproximadamente 70% do total.
17. Nesta perspectiva poderão apontar-se desequilíbrios acentuados, uma vez que três dos seis serviços existentes têm apenas de um ou dois profissionais, surgindo o Teatro-Cine numa posição intermédia visto dispor de seis elementos.
18. O aprofundamento desta análise não se torna por enquanto possível uma vez que se desconhece qual o grau de implementação dos serviços mais desfavorecidos, tornando-se também difícil de definir com precisão quais as suas exigências de funcionamento. Dir-se-á no entanto que, no caso do Arquivo, da Galeria ou do Gabinete de Animação os quantitativos serão por certo insuficientes.
19. Uma comparação entre Biblioteca e Museu revela-se no entanto altamente desfavorável para o segundo desses estabelecimentos, pois a percentagem de qualificação dos seus profissionais anda à volta dos 27% e só sobe para 45% caso

⁴ O mestrado e o doutoramento referidos são em História Medieval.

se entre em linha de conta com os auxiliares técnicos de museografia. Já na Biblioteca se depara com um panorama sensivelmente diferente, pois cifra-se em cerca de 80% a percentagem de pessoal qualificado a nível superior ou intermédio.

20. Relativamente ao Museu, poder-se-á ainda precisar que a qualificação do seu pessoal é sobretudo de carácter disciplinar, incidindo no domínio da Arqueologia. Este estabelecimento carece portanto de profissionais especializados nos diferentes sectores museológicos. No tocante a este aspecto, importará conhecer melhor o contexto de trabalho da técnica superior de conservação e restauro, que é o único elemento com formação especializada na área da Museologia e do Património.

3.1.2. Apreciação de resultados e formulação de propostas

1. O quadro de situação traçado no respeitante aos recursos humanos da Autarquia possibilita a apresentação de algumas sugestões nessa matéria, formuladas tendo sobretudo em linha de conta a criação e entrada em funcionamento do Centro de Artes do Carnaval. Procede-se ainda a finalizar a uma apreciação sumária do perfil do elemento proposto para dirigir essa nova instituição.
2. A carência de pessoal qualificado comprovada pela análise das habilitações académicas do efectivo existente e da sua formação a nível de pós-graduação e técnico-profissional surge como uma primeira fragilidade que se terá de procurar corrigir. As desigualdades constatadas neste âmbito, que a comparação entre estabelecimentos como a Biblioteca e o Museu evidencia, confirmam a dimensão do problema.
3. Este desfasamento permite chamar a atenção para o carácter determinante da legislação sobre carreiras no tocante à qualificação profissional, pois diferem substancialmente as exigências consagradas a tal respeito no caso de bibliotecas e arquivos e de museus ⁵.
4. Como consequência da situação apontada, o domínio da Biblioteconomia e da Arquivística perfila-se actualmente como uma componente forte no contexto

⁵ Referenciam-se no final os diplomas legislativos em vigor relativos às carreiras profissionais do pessoal destes três tipos de estabelecimentos.

municipal se comparado com o da Museologia. E esse será um factor a considerar na programação de um estabelecimento como o Centro de Artes do Carnaval, em que o trabalho de museu tem uma forte incidência.

5. A rendibilização dos recursos existentes, em que avulta a requalificação do potencial humano, prefigura-se como uma condição necessária do programa a empreender. Nesse contexto de renovação ter-se-ão que inserir medidas de reorganização dos serviços existentes susceptíveis de reforçar um tal objectivo.
6. No tocante ao elemento humano, deverão ser estudados os seguintes aspectos:
 - a. Reforço do pessoal qualificado, em especial no patamar superior, mediante a integração de técnicos com formação e experiência profissional em domínios chave como os dos sistemas de documentação, da interpretação e exposição ou da acção educativa.
 - b. Conjugação dessa iniciativa com a da criação de carreiras para especialistas por enquanto inexistentes, tais como as de conservador, conservador-restaurador, bibliotecário, documentalista e arquivista, programando-se esse esforço em função das necessidades inerentes ao leque de serviços que venha a ser definido.
 - c. Oficialização das situações de chefia dos serviços integrados no contexto autárquico.
 - d. Disponibilização de pessoal operário cuja intervenção em sectores como os de exposição, reserva ou educação é determinante, visto detectar-se uma presença pouco expressiva destes profissionais no seio dos serviços analisados ⁶.
7. A rendibilização dos recursos que se pretende atingir implica que venha a ser estudada igualmente a criação de serviços que se poderão designar como transversais, susceptíveis portanto de beneficiar conjuntamente os organismos cujo funcionamento torna indispensável o seu concurso. Nesta óptica será de considerar a existência de serviços como os de conservação, de educação ou

⁶ A disponibilização do pessoal operário num contexto como o autárquico poderá efectivar-se mediante diferentes estratégias, pretendendo-se aqui sobretudo sublinhar a necessidade do seu concurso em termos do funcionamento dos serviços em análise.

mesmo de encenação e montagem de exposições. A organização de uma componente como a das reservas poderá ser também encarada nesta perspectiva.

8. Já foi salientado que a entrada em funcionamento de um estabelecimento com as características e exigências do Centro de Artes do Carnaval terá repercussões em termos de recursos humanos que importa prever e que se traduzem na constituição de uma equipa profissional adequada. Relativamente a essa equipa, dir-se-á desde já o seguinte:
 - a. Do ponto de vista quantitativo, afigura-se comparável àquelas de que organismos como a Biblioteca ou o Museu dispõem, atingindo portanto a dezena de profissionais.
 - b. No plano qualitativo, ter-se-á que estar forçosamente perante um leque de pessoal suficientemente qualificado para que possa dar resposta às solicitações de componentes funcionais como as dos sistemas de documentação, conservação, reserva, interpretação, exposição e educação, que irão estar presentes no futuro estabelecimento.
9. Perspectiva-se assim um esforço com uma dimensão que poderá exceder a capacidade de resposta autárquica, o que permite sublinhar de novo a importância que reveste o estudo de medidas de reorganização como aquelas que foram preconizadas. De notar que o número de elementos com qualificações de nível superior exigido irá aumentar de forma muito significativa o efectivo hoje existente nesse patamar.
10. Dir-se-á por último que a apreciação do perfil do quadro indigitado para a direcção do Centro permite constatar que:
 - a. Possui habilitações académicas adequadas, uma vez que se licenciou em Antropologia, com especialização em Gestão Cultural (ISCSP), tendo concluído ainda a parte curricular do curso de Mestrado em Património e Identidades (ISCTE).
 - b. Idêntica situação se verifica em termos de formação profissional, uma vez que possui uma pós-graduação em Gestão das Artes (CCB/FLAD/MC), estando ainda a frequentar o curso de Alta Direcção em Administração Pública (INA).

- c. A sua experiência profissional na área em que vai exercer funções ultrapassa os três anos.
 - d. Domina a língua inglesa, lê francês e castelhano e possui conhecimentos de informática.
 - e. Tendo em atenção os elementos curriculares apresentados, a capacidade de produção de trabalho escrito torna-se menos patente.
11. Parece estar-se assim perante uma indigitação promissória, reunindo o elemento em causa condições para um trabalho frutífero.

Legislação

Decreto-Lei nº 280/79, de 10 de Agosto

Decreto-Lei nº 15/80, de 29 de Fevereiro

Decreto-Lei nº 247/91, de 10 de Julho

Decreto-Lei nº 276/95, de 25 de Outubro

Decreto-Lei nº 55/2001

Lei nº 2/2004, de 15 de Janeiro, Diário da República, Nº 12, I Série A, de 15-01-2004

Aprova o estatuto do pessoal dirigente dos serviços e organismos da administração central, regional e local do Estado.

Município de Torres Vedras
Divisão de Cultura e Turismo

Recursos humanos

Serviços componentes	Efectivo	Mestres ou doutores	Licenciados	Ensino secundário	Pós-graduações e especializações	Cursos técnico-profissionais	Técnicos superiores	Técnicos profissionais	Auxiliares técnicos	Pessoal administrativo	Pe op
Biblioteca	15	-	3	10	1	8	2	8	3	2	
Museu	11	-	1/2	(?)	-	-	2	1	7	2	
Arquivo	2	1	-	1	-	1	1	1	-	-	
Galeria	2	-	1	-	1	-	-	-	1	-	
Teatro-Cine	6	-	1	5	-	1	-	1	-	1	
Gabinete de Animação	1	-	1	-	1	-	1	-	-	-	
Totais	37	1	7/8	(?)	3	10	6	10	11	5	

Observações:

- o Na Biblioteca há dois funcionários com o Curso Geral dos Liceus e outros dois apenas com a 4ª classe.
- o No caso do Museu, as informações relativas a pessoal encontram-se muito incompletas, o que prejudica a análise feita.
- o No Teatro-Cine, considerado como serviço de média dimensão, existem três elementos com o 12º ano e dois com o 9º ano.

3.2. Modelo organizativo do CAC

Equacionar as soluções organizativas para o Centro de Artes do Carnaval é um exercício que decorre de um conjunto de premissas que, no seu conjunto, determinam a identidade e a estrutura da instituição: os seus objectivos de intervenção, matriz institucional, dimensão, recursos, constituição de colecções, serviços e produtos que vai oferecer, públicos destinatários, organizações com quem vai estabelecer relações de cooperação.

O modelo organizativo do CAC tem pois que reflectir de uma forma clara a missão e os objectivos formulados, que não podem ser de todo encarados como um exercício de enquadramento mais ou menos abstracto. Tais factores têm implicações evidentes nos domínios de intervenção que se pretendem privilegiar no dia-a-dia: no relacionamento com o público; na salvaguarda do património cultural do concelho, nomeadamente no que se refere à tradição das manifestações associadas ao Carnaval; na acção enquanto organismo cultural com finalidades pedagógicas, artísticas e de integração social; na participação na animação turística concelhia; no modo como direcciona a sua comunicação e as suas actividades para segmentos de mercado específicos, cada um deles podendo usufruir de modo diverso dos produtos e serviços oferecidos.

A estrutura orgânica deste Centro de Artes do Carnaval integra diferentes componentes sectoriais com características funcionais próprias, que se articulam entre si na prossecução de um objectivo global. Os contornos funcionais de cada um desses sectores constituintes e consequentemente o seu modo de inter-relacionamento são todavia susceptíveis de variações em função da orientação programática assumida.

O modelo organizativo da CAC será, portanto, definido pela forma como se configura cada uma das suas componentes funcionais, tendo em atenção os objectivos que lhe são cometidos e as ligações que se vierem a estabelecer entre si. A implementação desse modelo organizativo irá requerer, por conseguinte, que sejam afectados às

componentes sectoriais propostas as instalações, equipamentos e recursos humanos exigidos pelo modelo previsto.

Dada esta complexidade em termos de funções e de actividades, com exigências de níveis de rendibilidade cada vez maiores, faz sentido reclamar para o CAC a utilização de técnicas de gestão que eram apenas de uso nas empresas e alargar assim o discurso económico a uma organização não directamente orientada para uma actividade lucrativa.

Tendo em conta a diversidade das formas de actuação de um equipamento cultural como este, é imperioso compatibilizar um elevado grau de especialização do pessoal, que as especificidades técnicas do seu leque funcional exigem, com a polivalência que, por força da sua pequena dimensão, é requerida globalmente à sua equipa e a cada um dos seus elementos.

Será uma questão nuclear para o bom desempenho do CAC a definição do perfil e escolha do seu Director, que deverá possuir um leque alargado de capacidades: para o diálogo com a(s) entidade(s) que tutela(m) o equipamento, que lhe permita ganhar a sua adesão para os projectos e atender às suas implicações em termos de recursos necessários; para suscitar a colaboração e a parceria de entidades em projectos concretos ou na definição de um quadro global de intervenção; para a coordenação de uma equipa que neste caso se afigura particularmente exigente do ponto de vista da participação pluridisciplinar e polivalente, para que possa transcender a sua pluralidade e tornar-se coesa e cooperante.

3.3. Estrutura orgânica

Definir o modo de organização do CAC implica um conhecimento exaustivo da configuração das funções que se pretende venha a desenvolver e a identificação correcta dos recursos humanos necessários ao funcionamento da estrutura correspondente.

Ao estabelecer-se essa estrutura orgânica, define-se a forma como se reparte e divide o trabalho entre as componentes da instituição; reportando-se às acções ou operações exigidas pela organização, aos papéis que as pessoas e as unidades operativas desempenham ou devem desempenhar enquanto partes de um todo, aos poderes e deveres das várias componentes, aos cargos ou postos de trabalho, entendidos estes (cargos e componentes) no sentido abstracto e independentemente dos indivíduos que, em concreto, desempenham as funções que lhe são cometidas.

Pode então afirmar-se que as funções primordiais do Centro de Artes do Carnaval, que agregam todas as outras, são:

- Gestão das colecções
- Interpretação e Comunicação
- Acção pedagógica e de animação
- Organização

O quadro seguinte apresenta as funções de base e as áreas de actividade do Centro de Artes do Carnaval.

Funções de base	Áreas de actividade
Gestão das colecções	Incorporação Conservação/restauro Catalogação/inventariação Investigação e Documentação
Acção pedagógica e de animação	Área de expressão artística Oficinas de apoio aos festejos do Carnaval Oficinas de Animação Animação da área envolvente ao CAC e do espaço urbano da cidade Organização do Festival de Humor no solstício de Verão
Interpretação e Comunicação	Atendimento e encaminhamento do visitante Interpretação/exposição Actividades de divulgação e captação de públicos Relações com outros fornecedores e parceiros (incluindo mecenas ou patrocinadores) Cooperação inter-institucional Edição
Gestão	Direcção Gestão financeira Actividades administrativas Manutenção e segurança Actividades de natureza comercial

- **Gestão das colecções** – Os objectos e documentos (conta-se, neste caso, com uma forte componente documental e iconográfica dos testemunhos) serão processados de forma padronizada, ou seja, serão incorporados, inventariados, estudados, conservados e interpretados para usufruto do público visitante do CAC. A interpretação dos objectos e das práticas sociais, testemunhos da cultura de um determinado grupo ou comunidade - neste caso respeitantes a uma manifestação tradicional festiva - a par da informação que sobre eles existe, constituem o sistema de documentação da componente museológica desta instituição e formam um dos seus elementos centrais.

A investigação é transversal a todas as áreas de actividade do Centro e condição indispensável para o bom desempenho em todas elas: no sistema de documentação, nomeadamente na elaboração de instrumentos de descrição e catalogação para o estudo da colecção, nos conteúdos expositivos, nas operações de conservação e restauro.

- **Acção pedagógica e de animação** – As actividades que consubstanciam esta função assumirão a responsabilidade de alimentar uma animação permanente do Centro fazendo circular públicos, com incidência nos praticantes e frequentadores de oficinas, em cursos e workshops. A educação artística e as actividades de animação ligadas às temáticas do Carnaval e do Humor constituirão os domínios de incidência destas actividades.
- **Interpretação e Comunicação** - Pretendem-se aqui identificar as melhores estratégias e veículos de comunicação que permitam a um conjunto variado de agentes - que se pretende que interajam com o CAC - ter conhecimento dos conteúdos, das actividades e dos projectos da instituição, permitindo que esta atinja objectivos como o da atracção de públicos, da criação de parcerias e da angariação de mecenas. A identificação e selecção das parcerias apropriadas à concretização de projectos, como por exemplo, de permuta de exposições temporárias ou de realização de projectos de investigação conjuntos que permitam ao CAC a inserção em redes alargadas de entidades produtoras de

eventos e de elementos comunicacionais nas temáticas do Carnaval e do Humor.

Estas funções, a par das funções de **gestão**, constituem o núcleo que define e caracteriza o Centro de Artes do Carnaval, onde se vão ancorar todas as áreas de actividade aí desenvolvidas, como se pode verificar nos quadros seguintes.

**Funções de base, áreas de actividade e descrição das acções
do Centro de Artes do Carnaval**

FUNÇÕES DE BASE	ÁREAS DE ACTIVIDADE	DESCRIÇÃO DAS ACÇÕES
Gestão das colecções	Incorporação	Definir os princípios orientadores da constituição e desenvolvimento do acervo do CAC, incluindo aquisições, depósitos, abates de peças e os procedimentos para a cedência de peças do acervo.
	Conservação/restauro	Criar e manter as condições ambientais favoráveis para a conservação preventiva das colecções. Realizar operações regulares e apropriadas de manutenção das peças do acervo e fazer diagnósticos sumários para intervenções de restauro. Assegurar a colocação das peças em reserva e a sua utilização interpretativa. Definir e gerir o esquema geral de segurança do CAC.
	Catlogação/inventariação	Organizar o sistema de registo e de documentação do acervo com finalidade de inventário, de investigação, de movimento de peças no interior e para o exterior do CAC.
	Investigação e Documentação	Definir, projectar e gerir o sistema de informação integrado do CAC. Constituir um fundo bibliográfico sobre a temática do Carnaval e do Humor. Promover a investigação no âmbito das temáticas do Carnaval e do Humor. Gerir a documentação escrita e iconográfica sobre o Carnaval de Torres.

Acção pedagógica e de animação	Expressão Artística	Definir e propor à direcção o programa de actividades educativas e lúdico-pedagógicas. Conceber, produzir e realizar oficinas pedagógicas, incluindo os elementos de apoio necessários: • cursos livres de educação artística em quatro áreas: artes plásticas, música e canto; arte dramática e dança; fotografia, vídeo e multimédia. • oficinas temáticas relacionados com o Carnaval e com o Humor • oficinas de apoio aos festejos de Carnaval
	Animação	Definir e propor à direcção o programa de actividades de animação. Conceber, produzir (e realizar, nalguns casos) actividades de animação, nomeadamente: • Animação da área envolvente ao CAC e do espaço urbano • Organização do Festival de Humor
Interpretação e Comunicação	Atendimento/encaminhamento do público	Recepção, emissão de bilhetes, informação ao visitante. Guardaria de espaços de acesso público Sinalética que permita ao visitante compreender a organização do espaço do CAC, movimentar-se facilmente e ter acesso às diversas áreas e serviços que se encontram disponíveis ao público, que iniba o acesso a áreas de circulação condicionada ao pessoal do CAC. Registo e controle de entradas

Interpretação e Comunicação	Interpretação/exposição	Definir e propor à direcção executiva o programa de actividades de exposição/interpretação (programa de actualizações periódicas dos conteúdos da exposição permanente. programa de exposições temporárias de produção própria ou externa, designadamente oriunda de entidades parceiras do CAC) Identificar as entidades consideradas pertinentes para a celebração de acordos de intercâmbio e cooperação a propor à direcção executiva. Apoiar o serviço de educação na exploração dos conteúdos expositivos, designadamente na produção de elementos de interpretação em suportes variados. Garantir a abertura ao público em condições de segurança e do bom funcionamento dos equipamentos de suporte à apresentação do discurso expositivo.
	Actividades de divulgação e de captação de públicos e de instituições e agentes mecénáticos	Definir as mensagens e os veículos de comunicação mais adequados aos vários tipos de destinatários que se pretende atingir (público, instituições, empresas), sejam aqueles que se pretendem atrair ou os que já interagem com o CAC.
	Cooperação inter-institucional	Definir áreas desejáveis de cooperação, a nível nacional e internacional, e implementar projectos de parceria com instituições museológicas, culturais (nomeadamente entidades ligadas ao Carnaval), de ensino artístico, autarquias locais, e outras.

	Edição	Definir o programa de edições do CAC, sob orientação da direcção, nomeadamente: • Edições, nos suportes mais convenientes, de trabalhos científicos, designadamente no domínio da antropologia da festa, desenvolvidos no âmbito do CAC ou que se enquadrem na política editorial definida pela direcção; • Edição de folhetos de divulgação do CAC, dos produtos e serviços que oferece, bem como da programação das actividades.
Gestão	Direcção	Coordenação global da equipa e das actividades do CAC. Definição das políticas e estratégias de acção e articulação/compatibilização de programas de actividades dos vários sectores. Representação da equipa técnica da instituição nos órgãos da administração. Elaboração e apresentação, ao órgão de administração do CAC, do plano de actividades e orçamento, bem como do relatório e contas do exercício anterior. Coordenação das relações de parceria e colaboração institucional do CAC. Definição das políticas de recrutamento, selecção e formação dos recursos humanos. Elaboração e execução de planos de comunicação do CAC. Definição de regras de aquisição de serviços ao exterior.

Gestão	Gestão Financeira	Definição das estratégias de gestão financeira a curto e médio prazo.
	Actividades administrativas	Realização de actividades de apoio à gestão financeira e gestão corrente, incluindo contabilidade e gestão de pessoal. Gestão de relações com fornecedores gerais e outras aquisições de serviços (designadamente serviços de segurança e limpeza). Realização de actividades de secretariado e atendimento telefónico.
	Manutenção e segurança das instalações	Definição de programa de intervenções de manutenção do edifício, aquisição e instalação de equipamentos. Execução de trabalhos de rotina de manutenção de instalações e equipamentos. Coordenação de serviços de limpeza. Coordenação de serviços de segurança das instalações. Aquisição de serviços para realização de intervenções mais profundas de manutenção de instalações e equipamentos.

	Actividades de natureza comercial	Seleccção de produtos para venda na loja. Venda de produtos: edições do CAC, <i>merchandising</i>, elementos histriónicos (máscaras, cocotes, fantasias carnavalescas, etc.) Gestão de stocks e do relacionamento com os fornecedores.
--	-----------------------------------	---

É em torno deste conjunto de funções e actividades que a acção do Centro de Artes do Carnaval se vai organizar. Como foi dito, a forma de organização e de articulação entre as várias áreas de actividade pressupõe uma leitura clara da missão do CAC, da dimensão da instituição, dos seus encargos de funcionamento, da capacidade de geração e de mobilização de financiamento que conseguir.

Assim, segundo o modelo institucional que vier a ser considerado, o CAC virá a ter um órgão de administração, cuja composição será determinada pelas opções tomadas, e uma **Direcção Executiva**, que assegure a gestão global do Centro e a coordenação geral das actividades por ele desenvolvidas.

Propõe-se, assim, que a estrutura organizativa possa vir a assumir a configuração que consta do organigrama seguinte e que prevê três áreas funcionais:

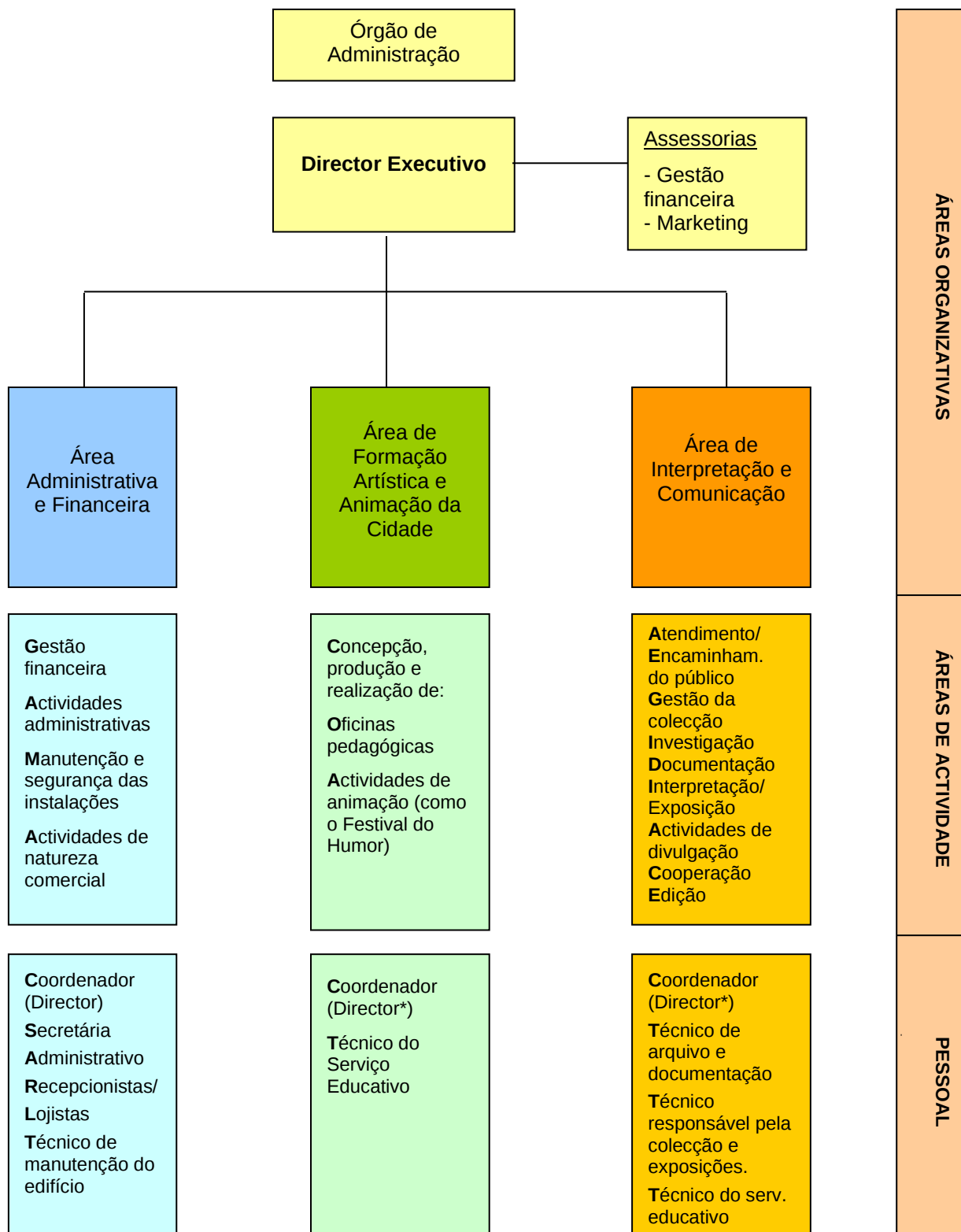
Área Administrativa e Financeira – assegura a administração económica e financeira do Centro, a gestão administrativa e de pessoal, a manutenção do edifício, dos equipamentos e das infra-estruturas tecnológicas.

Área de Formação Artística e Animação da Cidade – assegura o funcionamento das actividades pedagógicas e de animação desenvolvidas pelo CAC, nomeadamente através de uma programação anual de educação artística em diferentes domínios (artes plásticas, artes musicais, artes performativas e artes da imagem), da realização de workshops temáticos sobre o Carnaval nas suas diversas expressões, e da organização/produção de acções de animação da cidade.

desenvolvidas pelo serviço educativo; o relacionamento do Centro com o exterior: públicos, utentes dos serviços, voluntários, monitores, cooperação institucional, mecenas e patrocinadores; selecção/concepção de produtos para a loja, designadamente *merchandising*.

Área de Interpretação e Comunicação – assegura a clareza, o rigor e a qualidade estética e técnica das informações e da sinalética do museu e dos conteúdos do discurso expositivo; a produção das actualizações dos conteúdos da exposição permanente; a programação e divulgação das actividades do CAC; bem como as tarefas inerentes à gestão das colecções, no que toca a incorporação, documentação, conservação; movimentação de peças; manutenção de um centro de documentação; desenvolvimento de programas de investigação; definição de política de edições; colaboração com a área de interpretação/comunicação no que respeita à produção de conteúdos e à exploração pedagógica das actividades desta área.

QUADRO: CENTRO DE ARTES DO CARNAVAL - organigrama



* A direcção de uma destas áreas poderá ser assumida pelo Director Executivo do Centro, de acordo com a sua especialização.

CAC – Quadro de Pessoal

Áreas	Empregos	Efectivos
Administração	- Director Executivo do Centro - Secretária da Direcção (Director Executivo e Coordenadores de Área)	1 1
Área Administrativa e Financeira	- Coordenador (Director Executivo do CAC) - Técnico administrativo - Recepcionista/bilheteira - Lojista - Técnico de manutenção do edifício	- 1 1 (+1 fim-de-semana) 1 (+1 fim-de-semana) 1
Área de Formação Artística e Animação da Cidade	- Coordenador* - Técnico do serviço educativo	1* 1
Área de Interpretação e Comunicação	- Coordenador* - Técnico de arquivo e documentação - Técnico responsável pela colecção e exposições - Técnico do serviço educativo	1* 1 1 1
Assessorias/protocolos com outras instituições culturais da autarquia ou não.	- Conservação e restauro - Gestão financeira - Marketing e comunicação	
Fornecimento de serviços externos	- Limpeza - Vigilância/Segurança - Exploração do bar/restaurante (concessão das instalações)	

*A direcção de uma destas áreas poderá ser assumida pelo Director Executivo do Centro, de acordo com a sua especialização.

Empregos: conteúdos gerais e perfis técnicos

Empregos	Conteúdos	Perfil Técnico
<i>Director Executivo do Centro</i>	Definição da política global do CAC e das estratégias a seguir nas diversas áreas do trabalho do Centro. Elaboração de Planos de Actividade e Orçamentos anuais, bem como de Relatório e Contas a submeter ao órgão de administração. Coordenação global das áreas organizativas do Centro e dos seus planos de acção. Coordenação dos projectos de cooperação e parceria (co-produção ou troca de produções em diversos domínios e áreas de actividade (investigação, edição, exposições temporárias, programas educativos, animação, etc.) Definição da política editorial do CAC Definição da estratégia de marketing e comunicação. Representação institucional designadamente em contexto de cooperação inter-institucional.	Formação de nível superior, pós-graduada, com curriculum nos domínios da gestão cultural, da antropologia ou das áreas artístico/pedagógicas. Experiência profissional nos domínios de gestão de organizações, coordenação de equipas pluridisciplinares e/ou gestão de projectos

<i>Coordenador da área de formação artística e animação da cidade</i>	Programação e concepção de actividades educativas e lúdico-pedagógicas (cursos de educação artística, ateliers temáticos ou workshops, oficinas de animação) Identificação e estabelecimento de contactos com entidades e população alvo das iniciativas pedagógicas e de animação e com potenciais patrocinadores. Concepção e implementação de eventos sócio-culturais diversos. Coordenação de monitores de <i>ateliers</i> de actividades educativas. Concepção de materiais pedagógicos	Formação de nível superior em áreas artísticas e/ou nas áreas educativas Formação e/ou experiência profissional na montagem e gestão de projectos educativos e sócio – culturais. Capacidade de organização e de animação de eventos e de relacionamento inter-pessoal. Conhecimento de técnicas de animação de grupos
<i>Técnico do serviço educativo</i>	Montagem e execução de actividades educativas e lúdico-pedagógicas. Realização e dinamização de eventos sócio-culturais diversos. Acolhimento, atendimento e encaminhamento de docentes, alunos e demais público utilizador dos serviços educativos Gestão dos espaços oficiais e garantia do bom funcionamento dos equipamentos	Formação de nível superior, de preferência nas áreas artísticas, das ciências da educação. Formação e/ou experiência profissional na montagem e gestão de projectos educativos e sócio-culturais Capacidade de relacionamento interpessoal

<i>Coordenador da Área de Interpretação e Comunicação</i>	Programação e coordenação das actividades relacionadas com a realização de projectos de comunicação e de exposição/interpretação do acervo. Apoio técnico ao Director em matéria de políticas expositivas, de actividades pedagógicas, de comunicação, de planos de edição. Gestão da equipa de trabalho e articulação com a equipa responsável pela formação artística e animação da cidade. Coordenação do trabalho técnico de montagem e desmontagem de exposições e outros acontecimentos	Formação de nível superior, de preferência com formação na área da museologia. Especialização e/ou experiência profissional na área da museologia, comunicação ou dinamização cultural. Experiência de coordenação de equipas de trabalho nomeadamente em organizações de natureza cultural.
<i>Técnico de arquivo e documentação</i>	Organização e coordenação dos sistemas de registo e de documentação. Coordenação das actividades de conservação da colecção e de organização das reservas, de movimentação de peças (designadamente em empréstimos de peças a/de entidades externas) Orientação do estudo e diagnóstico da colecção. Atendimento, encaminhamento e informação do público especializado nomeadamente no que se refere aos sistemas de documentação do Centro.	O perfil adequado com especialização em ciências documentais; de preferência com experiência ou especialização na área da museologia; Conhecimentos de informática no domínio dos sistemas de documentação. Experiência profissional no apoio a tarefas de catalogação e registo de documentos. Capacidade de coordenação em equipas de trabalho pluridisciplinares.

<i>Técnico de exposições</i>	Montagem, manutenção e actualização da exposição permanente e montagem e manutenção de exposições temporárias. Desenvolvimento de actividades que envolvam meios técnicos e artísticos que exijam competências específicas adequadas a este perfil. Operação e manutenção do equipamento técnico necessário à iluminação, sonoplastia, <i>design</i> gráfico das exposições.	Formação tecnológica ou profissional nas áreas do <i>design</i>, imagem, comunicação gráfica e audiovisual Especialização técnica e profissional na organização e montagem de exposições
<i>Técnico do serviço educativo</i>	Acolhimento, atendimento e encaminhamento de docentes, alunos e demais público utilizador dos serviços educativos Montagem e execução de actividades educativas e lúdico-pedagógicas (apoio pedagógico às visitas, apresentação/dinamização de dramatizações, projecção de filmes, etc.)	Formação de nível superior, de preferência nas áreas das ciências da educação ou com área pedagógica de uma licenciatura em áreas artísticas ou em ciências sociais e humanas Formação e/ou experiência profissional na montagem e gestão de projectos educativos e sócio-culturais Capacidade de relacionamento interpessoal
<i>Técnico-adjunto área administrativa</i>	Apoio técnico e executivo ao director do CAC e ao assessor da direcção para a área da gestão financeira. Execução de procedimentos administrativos necessários à execução de diversas actividades. Execução de tarefas e procedimentos relacionados com a gestão de pessoal e prestadores de serviços, relacionamento com fornecedores, prevenção da segurança e manutenção do edifício.	Formação técnico-profissional na área da administração e da gestão.

<i>Lojista</i>	Gestão das vendas, compras e <i>stocks</i> da loja Execução das operações de venda e registo dos produtos comercializados na loja. Participação na concepção de novos produtos e <i>merchandising</i> (articulação com Direcção e Áreas de Actividade do CAC)	Formação de nível secundário ou pós-secundário. Experiência profissional no domínio da gestão comercial de espaços. Conhecimento de operações de registo de vendas, contabilísticos e de caixa.
<i>Secretária da Direcção</i>	Com funções de apoio administrativo e de secretariado (execução de tarefas de expediente, arquivo, atendimento telefónico e de pessoas) ao Director Executivo e aos coordenadores das áreas da actividade do CAC.	Formação de base de nível secundário. Experiência profissional na área do secretariado e do apoio administrativo. Conhecimentos de informática na óptica do utilizador. Domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira.
<i>Recepcionista-bilheteira</i>	Atendimento do público para reservas, vendas de bilhetes e informações sobre o CAC e suas actividades. Atendimento telefónico.	Formação de base de nível secundário. Capacidade de comunicação e de relacionamento inter-pessoal.
<i>Técnico manutenção edifício</i>	Execução das tarefas de manutenção dos equipamentos e instalações.	Formação tecnológica ou profissional de nível secundário nomeadamente nas áreas da electricidade, engenharia, electrónica, informática.

<i>Assessoria à Direcção/Prestação de serviços na área da gestão financeira</i>	Apoio técnico e executivo ao director do CAC e ao coordenador da Área Administrativa e Financeira no domínio da gestão financeira. Coordenação de procedimentos de actividades de gestão financeira corrente Coordenação de tarefas de expediente, arquivo, registo contabilístico, processamento de receitas e despesas Coordenação da área comercial	
<i>Assessoria/Prestação de serviços na conservação e restauro</i>	Definição, em articulação com a Direcção (Director e Coordenador da Área) das condições de conservação preventiva a observar. Realização de intervenções de conservação e restauro.	
<i>Assessoria/Marketing e Comunicação</i>	Assessoria à Direcção na concepção e desenvolvimento da estratégia de comunicação para públicos internos e externos Colaboração na definição da oferta de produtos e serviços do CAC Criação e manutenção de um relacionamento com agentes estratégicos para a divulgação das actividades e da própria marca da instituição junto dos públicos considerados relevantes.	

4. Do Programa ao Espaço Arquitectónico

4.1. Implicações espaciais do programa

A programação de um equipamento cultural é um exercício complexo que combina os objectivos da sua criação, as suas valências e áreas de actuação, as implicações organizativas e financeiras, e ainda o espaço em que se vai instalar. O programa do equipamento deve, pois, definir as orientações para a distribuição espacial das necessidades da estrutura funcional do Centro.

As características multifacetadas das actividades a desenvolver por este equipamento cultural, que se prendem com as suas componentes museológica e de animação e expressão artística, bem como as condicionantes que se prendem com a contenção do projecto arquitectónico do Museu ditada pelo orçamento indicativo para a instalação do CAC, implicam uma contenção construtiva e pressupõem uma grande versatilidade na atribuição funcional dos espaços. O local previsto para a instalação deste Centro implica a reabilitação e adaptação do edifício existente do matadouro municipal e a edificação de novas áreas no logradouro adjacente. Estas implicações limitativas poderão aconselhar a criação de condições para a sua ampliação futura, mediante um acrescento ao próprio edifício a ser construído nesta fase. Poder-se-á assim vir a proceder a uma reinstalação mais conveniente de alguns serviços.

Indicam-se, a seguir, as várias áreas e espaços que configurarão o Centro de Arte do Carnaval.

Área de acolhimento

Esta área destina-se à recepção do público, que pode chegar ao CAC em grupo (escolar, excursionista), em família ou a título individual. Para além de desempenhar uma função de apresentação e de pré-figuração do conteúdo e da filosofia de intervenção do CAC, este espaço inicial tem também uma função de orientação e distribuição dos visitantes pelas diversas áreas, o que deverá ser feito com recurso à sinalética ou a quiosques multimédia. Estar-se-á assim perante um local de encontro, de pausa, de obtenção de informação sobre o conjunto dos serviços oferecidos pelo Centro e sobre as actividades em curso ou que se anunciam para um futuro próximo. Compreendem-se portanto aqui os serviços de acolhimento propriamente ditos, bem como a informação e orientação, a venda de bilhetes, as áreas de repouso e ainda os vestiários e sanitários.

Como é um ponto de chegada e de distribuição, será de atender à articulação com a área de *exposição*, com o *centro de documentação*, com as áreas destinadas às *actividades pedagógicas*, com a *loja*; com a *cafetaria*.

Localização: Entrada

Área: 45m²

Acesso: Livre

Especificações: Balcão de atendimento; vitrine de *merchandising*; vestiário; sinalética/painéis informativos; quiosque multimédia; área de repouso; WC; telefones públicos, central de vigilância.

Serviços prestados: Acolhimento; informação; orientação, coordenação da vigilância.

Loja do CAC

Foi já sublinhado que as componentes comerciais desempenham uma dupla função: constituir um atractivo suplementar da visita ao Centro como espaço de conforto e lazer e, ao mesmo tempo, uma fonte de receitas com algum significado em termos orçamentais.

A estratégia quanto à sua localização varia bastante, contemplando soluções que vão desde a sua instalação junto à entrada até à implantação no final do percurso de visita. No caso do CAC, a opção tomada teve em a linha de conta a organização e gestão do espaço disponível.

Localização: No final do percurso expositivo e proximidade de acesso à cafetaria.

Área: 50 m²

Acesso: Público

Especificações:

- Balcão de atendimento/pagamento
- Organização do espaço com dimensão e funcionalidade de modo a permitir responder à pressão das visitas de grupos escolares, em termos de capacidade e rapidez de atendimento e de segurança, dispondo de uma área de mostra e venda e de espaços de apoio e circulação.
- O balcão de atendimento deverá permitir o controlo e gestão de stocks (a armazenar em espaço integrado no mobiliário).

Serviços prestados:

Venda de objectos de *merchandising*; venda de publicações (estudos sobre o Carnaval em Portugal e noutros países, sobre o humor, filmes cómicos em DVD ou VHS); máscaras e fantasias de carnaval, e outros objectos histriónicos, maquetas de carros alegóricos.

Bar/Cafeteria

Este serviço visa dar resposta à procura do público-visitante e às necessidades do pessoal. O objectivo será apenas o fornecimento de serviço de cafeteria, sendo que a dimensão possível não permite a utilização por grandes grupos, designadamente públicos escolares. Para obviar a esse condicionalismo, prevê-se a utilização de um pequeno alpendre existente como área de esplanada que poderá ampliar a área de serviço da cafeteria e conferir-lhe uma outra versatilidade que um espaço exterior com mesas e sombra proporciona.

Compreenderá ainda um compartimento para guardar material de limpeza.

Localização: Numa zona do CAC que se encontra junto ao auditório e à área técnica e administrativa, a meio caminho entre a área museológica e a área oficial. Relevante, ainda, é ficar em frente ao alpendre que poderá ser utilizado como área de esplanada. A sua localização permite tirar partido da observação da animação que venha a ocorrer na praça central.

Área: 115 m²

Acesso: Livre

Especificações: A organização do espaço, a distribuição do equipamento e o próprio mobiliário a utilizar estão dependentes da sua dimensão e localização, designadamente da possibilidade de utilizar um espaço complementar exterior (esplanada). Deverá, de qualquer modo, prever: espaço público de consumo (sala ampla com acesso a balcão e 6 mesas de 4 lugares cada e balcão de acesso em pé),

Serviços prestados: Serviço de cafeteria e bar.

Área expositiva

A orientação programática dada a esta área de trabalho do Centro consiste na existência de duas componentes: uma dedicada a uma exposição cuja estrutura será permanente mas em que os conteúdos podem ser temporariamente substituídos ou ciclicamente renovados, de acordo com os critérios que se venham a revelar mais convenientes; outra com o perfil de uma galeria de exposições temporárias, recebidas ou de produção própria, cuja vitalidade será devedora da capacidade de gerar acções de cooperação e intercâmbio com outras instituições, no plano nacional ou internacional. Esta orientação tem tradução em duas áreas de exposição distintas a localizar

Localização: Acesso directo à área de acolhimento

Área: 570 m²

Acesso: Público

Especificações: Espaço expositivo organizado em duas áreas de exposição, uma destinada à exposição permanente do CAC, sendo a outra uma galeria de exposições temporárias.

Serviços prestados: Proporcionar ao visitante a percepção do Carnaval de Torres ao longo dos anos com recurso a material audiovisual (fotografia, vídeo, diaporama), documental e objectos histriónicos, bem como ao fenómeno da celebração do Carnaval com particular incidência em Portugal e na Europa Mediterrânica. A visita poderá ser livre ou explorada/animada pelos serviços de educação do museu.

Auditório

Este espaço deverá responder às necessidades de realização de eventos e actividades complementares de animação, de natureza pontual ou regular, visando o apoio e exploração da programação expositiva ou outras.

Estas actividades poderão ser de natureza variada: realização de reuniões e conferências, ponto de partida para visitas guiadas às exposições e outras actividades pedagógicas desenvolvidas pelo serviço de educação. Deverão ser espaços tratados tendo em vista a sua qualidade acústica e o seu isolamento.

Dada o carácter eclético da sua utilização, será dotado de uma grande flexibilidade quer quanto ao seu aproveitamento quer relativamente ao seu equipamento mobiliário.

Localização: Com um acesso fácil à área de acolhimento, à área expositiva e ao Centro de Documentação/Monitorização.

Área: 180 m²

Acesso: Público, mas em função das actividades calendarizadas, sendo este regime de utilização qualificado também como semi-público.

Especificações: Pequeno auditório (50 pessoas), dotada de equipamento de projecção integrado (projector de slides, datashow, écran reversível) e com possibilidade de obscurecimento.

Serviços prestados: Realização de eventos, acções de formação, oficinas pedagógicas.

Centro de Documentação

A existência de um grande volume de documentos que testemunham a realização das sucessivas edições do Carnaval em Torres Vedras, constituindo mesmo o acervo museológico mais importante do Centro de Artes do Carnaval, o Centro de Documentação adquire desde logo relevância no conjunto dos serviços oferecidos pelo CAC. Ainda mais se se lhe conferir uma vocação de especialização sobre os temas do Carnaval e do Humor. Destinar-se-á a acesso do público em geral mas também de público especializado: estudantes de cursos de antropologia e investigadores do tema, nomeadamente.

Localização: acessível relativamente à área de acolhimento, podendo articular-se com o percurso expositivo

Área: 40 m²

Acesso: Condicionado, beneficiando de orientação adequada.

Especificações: Área de consulta com 4 terminais de computadores, com equipamento vídeo e leitor de CD para consulta de documentos. Área de consulta livre de documentos (pequena biblioteca/mediateca) com: balcão de atendimento; mesas para consulta de livros e outra documentação em papel; estantes para documentos de acesso livre.

Serviços prestados: Consulta livre de documentos (livros, vídeos, CD, CDRom, DVD, etc.) em arquivo; acesso a bases bibliográficas orientadas para a exploração dos temas relacionados com o Carnaval e o Humor; acesso à Internet; consulta orientada dos sistemas de documentação do Centro, relativos à colecção e às actividades e serviços.

Reserva

Conforme foi já sublinhado, a política de incorporações deste Centro de Artes do Carnaval deverá ser gerida em moldes fortemente restritivos, opção que deriva das limitações de espaço existentes com repercussões inevitáveis no caso do sector da reserva.

A criação de uma reserva no subsolo da área descoberta interior torna-se indispensável não só como elemento de apoio à área de exposição mas também para permitir incorporar o acervo histórico do Carnaval torriense bem como alguns testemunhos dos Carnavais recentes, seleccionados de forma rigorosa e para os quais se adoptará uma **incorporação temporária**.

Estas incorporações anuais, ditadas pelo ritmo das festividades, estarão sujeitas a crivos cada vez mais selectivos de acordo com o período de permanência na reserva, devendo definir-se um período máximo de incorporação temporária de cinco anos (período que permitirá fazer selecções mais criteriosas que afirmam a sua efectiva relevância).

Estar-se-á assim perante uma área em que a instalação das colecções poderá ser fortemente compactada, muito embora assegurando aos objectos que as integram as condições de movimentação indispensáveis. Nestas circunstâncias o acesso será aí reservado ao pessoal técnico.

Localização: No subsolo da área descoberta do logradouro do edifício. A instalação a nível do subsolo não apresenta qualquer desvantagem visto que importará garantir o ingresso de objectos provenientes do exterior.

Área: 800 m²

Acesso: Restrito ao pessoal do Centro, embora se possa verificar o acesso a público especialista, condicionado ao acompanhamento do pessoal do Centro.

Especificações: Equipamento para acondicionamento dos materiais em reserva (armários com prateleiras, armários de gavetas para desenhos e outra documentação). Condições ambientais (humidade e temperatura) controláveis através de equipamento fixo instalado. Implementação de medidas de controlo e segurança adequadas.

Serviços prestados: Reserva e conservação do acervo; abordagem das colecções de uma forma mais aprofundada.

Área de recepção e processamento das colecções

O ingresso das colecções e o seu processamento inicial requerem espaços de instalação adequados, que podem comportar também o desempenho de trabalhos de desembalagem e embalagem e mesmo de apoio à montagem e desmontagem de exposições. Podem inserir-se aqui também certos passos das actividades de registo, incluindo a fotografia de objectos, bem como a execução de algumas tarefas de conservação.

Localização: No subsolo do espaço descoberto interior junto à área de reserva. Com acesso directo ao exterior e com condições que permitam a movimentação de peças de maiores dimensões com recurso a equipamentos de apoio adequados.

Área: 150 m²

Acesso: Restrito ao pessoal do CAC.

Especificações: Estantes, mesas de trabalho e meios de processamento e de tratamento das peças.

Serviços prestados: Recepção, embalagem/desembalagem, registo, expedição de objectos e apoio às exposições; tratamentos de conservação do acervo.

Oficina de manutenção

Esta oficina destina-se aos trabalhos de manutenção do edifício e equipamentos, bem como ao apoio à montagem e desmontagem de exposições (carpintaria de exposições, pintura, serralharia, preparação de embalagens para transporte de peças, reparações várias).

Localização: Acesso fácil ao exterior e à área expositiva.

Área: 70 m²

Acesso: Restrito ao pessoal do CAC

Especificações: Mesas, bancas de trabalho, painel de ferramentas, estruturas para arrecadação de materiais (p. ex. madeiras em barrote ou em placas).

Serviços prestados: Apoio à montagem de exposições, manutenção do edifício e de equipamentos.

Gabinetes

Os gabinetes são os locais de trabalho habituais do corpo técnico do CAC, sobretudo no que se refere às funções de direcção, concepção e produção de eventos, gestão e administração.

Localização: Área de serviços, sendo desejável que possa dispor de luz natural.

Área: 65 m²

Acesso: Restrito ao pessoal do CAC e investigadores externos.

Especificações: Gabinets equipados com material de escritório (mesas, cadeiras, estantes, computadores, telefone, ligação às redes):

- 1 gabinete de direcção com 1 mesa de trabalho, 1 mesa de reuniões, cadeiras, estante, computador;
- 1 gabinete para equipa técnica do CAC com 3 secretárias, cadeiras, estantes e computadores;
- 1 sala de reuniões com mesa de reuniões e cadeiras;
- 1 gabinete para secretariado e serviços administrativos (3 secretárias e estantes, equipamentos administrativos (computador, impressora, fotocopadora, fax).

Serviços prestados: Direcção, administração, investigação, documentação, produção de realizações do CAC.

Área oficial

Esta é uma área central das actividades e serviços oferecidos pelo CAC, onde se concentrarão os ateliers de animação e de expressão artística que mobilizarão, assim se prevê, públicos diversificados e que garantirão uma ocupação e uma animação do espaço intensivas.

Localização: Pavilhão sul da nova construção (em frente à pedreira) e grande alpendre

Área: 375 m² (no pavilhão sul) e 325 m² (alpendre coberto no topo poente)

Acesso: Através de uma galeria de circulação que percorrerá o pavilhão norte (a construir).

Especificações: cavaletes de modelação, bancos empilháveis, armários, prateleiras, cacifos, pranchetas amovíveis, cavaletes rebatíveis, etc.

Serviços prestados: Realização de oficinas e workshops de expressão artística, oficinas de apoio aos festejos do Carnaval.

4.2. Programa Preliminar – Orientações para uma intervenção arquitectónica (ver desenhos e plantas em anexo)

4.2.1. Considerações gerais

O presente Programa Preliminar ensaia a espacialização das diversas valências preconizadas para o futuro Centro de Artes do Carnaval, em Torres Vedras, a constituir no recinto do antigo Matadouro Municipal, por reutilização das construções actuais mais representativas e por construção de novos edifícios com especificações objectivadas face às correspondentes funções e condições de inserção no local.

4.2.2. Vertentes de intervenção

A intervenção pretendida terá três níveis fundamentais:

a) Reabilitação das construções existentes com valor significativo, como o edifício principal com frente para a Rua Leonel Trindade / EN 8-2, o alpendre isolado no interior do recinto, e os alpendres adossados aos limites norte/nascente e sul/poente da parcela.

Estas estruturas assumirão programas de representação e funcionalidades de utilização colectiva.

b) Execução de novas construções

São necessários novos espaços edificados para alojamento das funcionalidades de guarnição social e administrativa do equipamento, assim como para instalação das suas funcionalidades técnicas e de produção.

c) Tratamento dos espaços exteriores resultantes e valorização das escarpas em pedra, tendo em atenção a natureza do lugar e os termos de utilização e vivência do equipamento.

As áreas não edificadas no interior do recinto assumirão competências como espaços de enquadramento (como “parada”, conferindo unidade a todo o equipamento, articulando as suas várias componentes), espaços de recepção e de estar (praça interior) e espaço de trabalho (plataforma para onde se abrem os grandes espaços oficiais, permitindo a sua extensão).

4.2.3. Principais termos conceptivos da intervenção

a) Localização e implantação do programa – o lugar

O lugar da intervenção apresenta toda uma série de características singulares que obrigam a uma leitura especialmente cuidadosa dos termos de contextualização da intervenção pretendida, para integração dos significantes em presença.

O “espírito” do lugar é marcado pela abrangência, conjugação e confronto dos seguintes referentes com evidência física:

- O recinto resulta do desmonte de um maciço de pedra, acto (de afirmação) de uma forte motivação de interferência em suporte físico peculiar.

A pedreira rompeu a unidade de paisagem, provocando uma ruptura morfológica testemunhada pela escarpa exposta, situação agravada pelo coroamento urbanizado, cuja imagem degradada reforça a leitura do lugar como espaço desestruturado (física, urbanística e ambientalmente).

Existe desde logo uma forte tensão inerente ao espaço-cratera em si, e mais ainda quando “habitado”;

- Mas o que “habitou” este espaço foi um programa de matança, actividade que aí encontrou os seus requisitos fundamentais, integrando-os devidamente, como o curral para recolha, confinamento e estadia do gado, o espaço fresco (com bebedouros) de relaxamento e preparação, e o matadouro propriamente dito, com pavilhões de abate, sangria e desmonte.

O espaço, já por si tenso, torna-se ainda inquietante;

- Mas este espaço, por ser muito contido, é também, paradoxalmente, um espaço (com uma ambiência) de recolhimento, de distanciação e de lassidão, conveniente ao programa do antigo matadouro, e que, por concomitância, se adequa favoravelmente aos contextos temáticos inerentes ao programa agora pretendido.

b) Conceito geral

A inserção do equipamento pretendido verifica os seguintes termos de pertinência:

A natureza do programa delineado para o CAC permite integrar o contexto físico com os contextos temáticos envolvidos, de forma a aceder a um sistema signifiicante com forte identidade conjunta.

De resto, tal sistema já se encontra latente no lugar, na sua arquitectura como cratera encabeçada por fachada urbana (o edifício principal/porta), com um recinto central e paredes perimetrais (escarpa e muros de suporte).

Assim, o equipamento pretendido será o próprio lugar, no seu todo e como uma entidade única, que já o é também pela memória da antiga função. No entanto, torna-se fundamental a leitura contemporânea do espírito do lugar, por forma a que este seja enriquecido pelo CAC.

A instalação do CAC no edifício e recinto do antigo Matadouro Municipal não deverá resultar do mero aproveitamento (da oportunidade) dos terrenos e edifício disponíveis, mas constituir-se como opção pertinente pela relevância da solução arquitectónica.

Deverá assim ser sublimada a “ferida” do terreno, por atribuição de valor arquitectónico e cénico à escarpa, fazendo-a participar na linguagem do equipamento. Este objectivo obriga a nexos de escala entre as novas formas arquitectónicas e a escarpa, a par do claro reconhecimento, por padrões adequados de linguagem conjunta, do espaço central unificador das diversas componentes do programa.

c) Sistema espacial, imagem e padrões de linguagem

O edifício principal é o espaço de chegada e de recepção, albergando funções de acolhimento (portaria com atendimento e informações, salas de exposição, loja, instalações sanitárias). Este edifício assenta numa plataforma (baixa) bem definida pelas construções envolventes e pela plataforma alta interior ao recinto.

O alpendre de norte/nascente, adossado ao edifício principal, é destinado a um pequeno auditório. O facto desta construção assentar nas duas plataformas torna natural a constituição de um anfiteatro, que deverá ser encerrado por chapa de vidro e ter uma serventia directa a partir da Rua do Matadouro.

As duas plataformas de assentamento das construções são articuladas por uma rampa de serviço mecânico.

O principal percurso interior de acesso às construções a executar na plataforma alta é constituído por sistema de rampa e escada rasante ao auditório.

Na plataforma alta é proposta a construção de novos pavilhões ao longo do perímetro do recinto, em torno de uma praça ou terreiro central. Forma-se assim um espaço claustral de embasamento da escarpa e dos muros de suporte circundantes.

Para integração arquitectónica em objecto único, a escala das novas construções deverá suportar/dialogar com a “massa” envolvente, pelo que as frentes da praça central terão um único piso com pé-direito elevado, na ordem dos 6,50 metros, situação que igualmente se adequa às funções preconizadas.

Junto à escarpa, na frente norte do recinto é proposta uma pequena torre (que acrescenta 4 pisos ao pavilhão térreo) que sinaliza todo o perfil do equipamento desde a Rua Leonel Trindade até à malha existente na cota alta, arrolando a escarpa como elemento arquitectónico com elevado potencial cénico.

Os três pavilhões terão assim continuidade volumétrica e formal. Os pavilhões de nascente e de norte terão uma imagem marcada por estrutura em porticado correspondente à principal galeria de circulação e distribuição, e a suas coberturas serão planas (com excepção do corpo correspondente à cafetaria e foyer do auditório). O pavilhão de poente será aberto, como um grande alpendre, e terá vão único por estrutura especial (vigamento em laminado de madeira ou outra solução) e cobertura em águas.

O pavilhão da frente nascente destina-se às valências sociais e administrativas. Terá assim um foyer aberto para o pequeno auditório, com bar, cafetaria e sala de estar. Este espaço terá relações com o alpendre central fronteiro, que se constitui como espaço-fresco de serviço à esplanada.

Este pavilhão alojará ainda os serviços administrativos, direcção, respectivos gabinetes e apoios directos.

O desvão pretendido permite a constituição de mezaninos em parte dos compartimentos apontados.

O pavilhão da frente norte (ao fundo) é destinado às diversas oficinas que integram a orgânica do equipamento.

Este pavilhão assume um volume maior (pequena torre) alinhado com o alpendre central que assim resulta como peça de charneira de toda a composição, porque também se encontra a eixo do edifício principal. Este traçado regulador (baseado no eixo longitudinal que é inflectido pelo alpendre central) é ainda reforçado com alinhamentos transversais.

A pequena torre destina-se à vertente didáctica activa do programa, com salas de projecto, centro multimédia e centro de documentação.

A relevância da volumetria proposta (r/c com 6,50 metros de desvão + 4 pisos com 4,00 metros de desvão) reside precisamente no elevar da escala arquitectónica por diálogo com a escala da escarpa, de forma a assegurar a sua integração formal.

Sem se pretender afectar desde já os padrões de linguagem arquitectónica, e como forma de comunicação dos efeitos pretendidos, sugere-se que a torre seja constituída

por duas lâminas verticais /faces de nascente e de poente), sendo as restantes fachadas (face orientada para a escarpa e face orientada para sul) em pano de vidro. As escadas deverão ser aparentes e desenhadas em diálogo com a escarpa, sendo de considerar uma serventia directa pelo último piso, a partir do espaço público da cota alta.

O pavilhão de poente, sendo aberto para a plataforma central, constitui-se como espaço coberto dessa mesma plataforma. Pretende-se que seja um espaço flexível destinado a apoio oficial.

É ainda proposta a constituição de uma cave no desvão da plataforma alta (com acesso directo pela plataforma baixa), destinada a reserva de serviço e às áreas técnicas do equipamento. Este piso “enterrado” deverá assim ligar-se directamente aos pavilhões e torre por colunas verticais de distribuição.

Será no entanto necessário proceder ao estudo geotécnico do local para avaliação das condições de fundação das novas construções e da viabilidade de constituição da cave pretendida.

4.2.4. Aspectos construtivos

Dado o contexto físico e contextos temáticos da intervenção pretendida, consideram-se dois sistemas construtivos fundamentais:

- Uma abordagem construtiva de matriz tradicional para a reabilitação das estruturas existentes como o corpo norte do edifício principal, os alpendres adjacentes e o alpendre no interior do recinto.

A remodelação destas estruturas deverá manter o sistema de paredes portantes em alvenaria de pedra, o vigamento por barrotes de madeira e a estrutura de cobertura por asnas de madeira.

No edifício principal deverão ser mantidos os princípios tipológicos em presença (como a charola da ala sul) e valorizados elementos com interesse (como o guincho e outros artefactos);

- Uma abordagem construtiva de matriz convencional, com recurso ao sistema completo de pilar, viga e laje em betão.

Os pavimentos serão, na sua generalidade, em soalho de madeira, sendo ainda de considerar pavimentos específicos e lambrins para algumas áreas oficiais.

Nas construções a reabilitar manter-se-ão caixilharias em madeira e cobertura em telha cerâmica (com excepção do corpo poente do edifício principal, com cobertura plana, sanca e lanternins).

Para os vãos das novas construções deverão ser privilegiadas soluções baseadas em panos de vidro sem caixilho (“escarpa/rochedo de vidro”).

A plataforma baixa será pavimentada a gravilha britada de calcário sendo a plataforma alta em lajeado de calcário. A cave terá iluminação natural pela face do desencontro entre os dois patamares e por lanternins de pavimento ao longo da escarpa, sendo que o maciço rochoso participa do seu espaço exterior. Deverão ainda ser asseguradas condições de ventilação e desenfumagem (a cave terá serventia motorizada) por grelhas de pavimento.

4.2.5. Espaço público de enquadramento e serventias urbanísticas

São formuladas as seguintes acções de remodelação dos espaços públicos envolventes ao equipamento, para enquadramento do mesmo:

- Alargamento do passeio fronteiro ao edifício principal, necessário ao acerto de cotas e nivelamento dos degraus, e para constituição de um pequeno adro de recepção;
- Construção dos espaços públicos previstos pelo Plano de Pormenor do Choupal e Área Envolvente para o espaço fronteiro ao edifício principal, mas na outra frente da Rua Leonel Trindade. Trata-se da constituição de duas plataformas articuladas (praça formal e espaço fresco arborizado) que interessam sobremaneira como plataformas de extensão do CAC ao espaço público, para suporte de instalações e actividades do equipamento;
- Pedestrenização da Rua das Escadas e da Rua da Floresta, criando um pequeno espaço de praça lateral ao edifício do antigo matadouro;
- Remodelação de toda a malha envolvente ao equipamento, para estruturação urbanística e ambiental, com especial importância para a coroa de cota alta, onde deverá ser executado um pequeno largo para guarnição do acesso previsto pelo último piso da torre, e ainda para a Rua do Matadouro, junto à serventia directa do auditório, onde deverá ser definido um. pequeno largo com capacho de recepção.

Esta operação urbanística deverá ser enquadrada por estudo específico que contemple a correcção das malformações existentes ao nível do próprio edificado.

O CAC, para além da entrada pelo edifício principal, terá ainda as seguintes serventias de utentes e de serviço:

- Acesso directo ao auditório, pela Rua do Matadouro;
- Acesso à cota alta pelo último piso da torre;
- Portão de acesso à plataforma baixa interior ao recinto, a partir da Rua das Escadas;
- Portão de acesso directo à plataforma alta interior ao recinto, igualmente a partir da Rua das Escadas.

4.2.6. Aspectos operativos

O programa preliminar de intervenção observa um sistema espacial, formal e funcional integrado, podendo com facilidade ser executado de forma faseada.

Assim, poderão ser destacadas empreitadas na correspondência ao edifício principal, à cave, a cada um dos novos pavilhões, ou mesmo na correspondência a obras preparatórias como o tratamento e consolidação da escarpa, entre outras.

A própria torre poderá corresponder a uma fase autónoma do pavilhão em que assenta, bastando para tal assegurar as necessárias entregas estruturais, o mesmo se passando na relação entre a cave e os novos pavilhões.

O faseamento das obras deverá naturalmente ser ponderado face às condições de instalação e funcionamento do equipamento para cada uma das configurações possíveis.

4.2.7. Especialidades técnicas envolvidas e correspondentes exigências preliminares

O Projecto de Execução deverá proceder à integração das contribuições das seguintes especialidades técnicas:

- Arquitectura;
- Arquitectura paisagista;
- Estabilidade (estruturas convencionais e estruturas especiais);
- Térmica;
- Acústica;
- AVAC;
- Infraestruturas hidráulicas (abastecimento de água, combate a incêndios, incluindo meios próprios, rega de caldeiras, drenagem de águas residuais, drenagem de águas pluviais);
- Infraestruturas de abastecimento de gás;

- Infraestruturas eléctricas (rede de MT e BT, instalações especiais, iluminação e iluminação dos espaços exteriores);
- Infraestruturas de comunicações e gestão das instalações (telefones, cabo intranet e wi-fi);
- Infraestruturas de segurança (intrusão, vigilância, incêndio, etc.);
- Geotecnia (consolidação da escarpa, etc.);
- Outras valências técnicas necessárias à execução da empreitada.

5. Estratégia de mercados

5.1. Análise do mercado cultural e lúdico

Tal como tivemos oportunidade de constatar no âmbito do 1º Relatório de Progresso, a cidade e concelho de Torres Vedras assumem uma centralidade estratégica no contexto da região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT) e de uma posição de charneira entre a metrópole e as áreas rurais, demarcando-se, pela sua dimensão geográfica e pelo seu dinamismo económico. Portanto, podemos dizer que o concelho se assume como elemento de intermediação entre uma ruralidade e urbanidade, assumindo, assim, características específicas em termos sociais, territoriais e ambientais. Contudo, e se atentarmos aos dados seguintes, podemos desenvolver uma reflexão mais apurada.

QUADRO 1: Distribuição da população por tipologia territorial⁷

	População	pop. urbana	% pop. urbana
Lisboa e Vale do Tejo	3.326.460	2.842.660	85%
Área Metropolitana de Lisboa	1.835.380	1.799.335	98%
Oeste	365.090	201.018	55%
Torres Vedras	68.560	40.363	59%

FONTES: INE, DGOTDU, 2001.

Assim, Torres Vedras é uma *cidade do Oeste*, que deverá desempenhar um papel de charneira entre esta região e Lisboa, e que terá que apostar em margens de competitividade muito estreitas para que não se dilua na autonomia periférica do espaço metropolitano⁸. Torres Vedras, para além do apreciável dinamismo populacional que demonstra, tem um conjunto de acontecimentos que poderá potenciar a seu favor. O Carnaval, o desporto (particularmente o ciclismo), as feiras, são motivos de atracção e projecção urbanas que importa agregar num projecto coeso, demonstrativo da estratégia de afirmação da cidade e do concelho no quadro regional.

No que toca as vertentes da estruturação e da qualidade de vida urbana, a cidade deve apostar na conservação e na reabilitação do património (edificado, biológico, cultural, paisagístico) como vector identitário e motor da animação turística; na coesão espaço-social da cidade atendendo ao desenvolvimento, à funcionalidade e às

⁷ Quadro retirado da Candidatura da Cidade de Torres Vedras ao Programa POLIS, S/ Data.

⁸ Candidatura da Cidade de Torres Vedras ao Programa POLIS, S/ Data.

relações intergeracionais; na valorização e na qualificação dos espaços dotados de valor simbólico, de modo a garantir o contínuo entre o urbano e o rural; no desenvolvimento de projectos assentes numa estratégia que confira à cidade uma imagem moderna e singular, a par do contexto regional⁹.

De acordo com os Censos de 2001, se atentarmos na sub-região do Oeste (sem Mafra) e em particular em Torres Vedras, constatámos que o total populacional do concelho de 72 250 habitantes corresponde a 18,3% daquela sub-região (apenas 2% da população da região de Lisboa e Vale do Tejo). De acordo com a sua distribuição etária, e numa leitura comparativa entre a sub-região e o concelho de Torres Vedras, este detém 18,3% da população com idade até aos 14 anos, 18,2% com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, 18,4% dos 25 aos 64 anos e 18,1% da população com 65 e mais anos de idade.

QUADRO 2: Áreas e população residente segundo os grupos etários em 2001

Área geográfica	Área (Km2)	População residente em 2001				
		até aos 14 anos	15 aos 24 anos	25 aos 64 anos	com 65 e mais anos	Total
Portugal	89911,4	1659561	1476670	5517473	1702120	10355824
Região Lisboa e Vale do Tejo	11927,5	517797	473581	1911721	570657	3473756
Oeste	2496,2	61723	53320	209931	69513	394487
Torres Vedras	405,9	11324	9742	38565	12619	72250
AM Lisboa	3121,3	400054	368686	1497505	416431	2682676

Fonte: INE, Censos 2001 e Anuários Regionais

Se centrarmos o nosso olhar nas dinâmicas de desenvolvimento lúdico e cultural, em relação à oferta de equipamentos culturais, a região de LVT por referência ao país detém 31,9% de bibliotecas, 24,8% de auditórios, 29,4% de museus municipais. Contudo esta oferta muito significativa da região de Lisboa e Vale do Tejo não significa uma distribuição homogénea por todos os municípios que integram a região. A AML concentra cerca muito mais de metade dos equipamentos municipais existentes na região de Lisboa e Vale do Tejo (cerca de 58% dos museus municipais, 63% dos auditórios e 72% das bibliotecas municipais), enquanto que a sub região do Oeste tem uma representação relativamente baixa (cerca de 14% dos museus municipais, 16% dos auditórios e 12% das bibliotecas municipais).

⁹ Candidatura da Cidade de Torres Vedras ao Programa POLIS, S/ Data, p. 5.

Contudo, esta comparação não permite perceber adequadamente o nível de oferta do concelho relativamente à sua área envolvente.

QUADRO 3: Equipamentos municipais em 2001

Áreas geográficas	Equipamentos Municipais (2001)			Número médio de pessoas residentes por equipamento		
	Bibliotecas	Auditórios	Museus Municipais	Bibliotecas	Auditórios	Museus Municipais
Portugal	426	462	275	24309	22415	37658
Região Lisboa e Vale do Tejo	136	115	81	25542	30207	42886
Oeste	16	18	11	24655	21916	35862
Torres Vedras	1	2	1	72250	36125	72250
AM Lisboa	98	72	47	27374	37259	57078

Fonte: INE, Censo 2001 e Anuários Regionais

Comparando os dados mas relativizados com a população residente em 2001, verifica-se que o concelho de Torres Vedras tem uma oferta de equipamentos municipais que permite um menor desempenho face à sua dimensão demográfica, na medida em que em todos nos domínios dos museus e bibliotecas, o número médio de residentes por equipamento é bastante superior à média nas áreas do Oeste e da AML. Contudo esta análise, porque se baseia meramente em informação quantitativa e com enorme grau de agregação, não permite avaliar de forma adequada o nível de desempenho destes equipamentos e os seus efeitos em termos de oferta e procura cultural.

No domínio das publicações periódicas em 2001, a região de LVT concentra igualmente uma parte muito significativa da dinâmica nacional, com 51,7% das publicações, 41,8% das edições; o total de tiragem anual de 74,6%, nomeadamente de 83,9% de semanários e de 78,4% de mensários, e com um total de 71,4% de exemplares vendidos. O concelho de Torres Vedras, no cômputo da sub-região Oeste, aufer de 16,6% de publicações, 21,2% de edições, com 35% de tiragem anual e 29,7% de exemplares vendidos. Mais uma vez a dificuldade de comparação é muito grande, na medida em que, neste domínio, a Região de Lisboa e Vale do Tejo concentra a quase totalidade das publicações de âmbito e com tiragem nacional, não tendo significado uma comparação de indicadores referenciados à população.

QUADRO 4: Publicações periódicas em 2001

NUTS e CONCELHOS	Publicações	Edições	Tiragem Anual			Exemplares Vendidos		
			Total	Semanários	Mensários	Total	Semanários	Mensários
			Nº					
Portugal	1 742	35 130	708162281	233856127	71947125	451678957	139291680	37253889
Lisboa e Vale do Tejo	901	14696	528371004	196406959	56458404	322777967	109508191	27029159
Oeste	30	603	3662500	1835500	233700	2511170	1168003	58210
<i>Indicadores per capita</i>			9,3	4,7	0,6	6,4	3,0	0,1
Maфра	4	54	145 600	-	-	134880	-	-
Torres Vedras	5	128	1284000	...	...	746130	...	...
Peso (%) do concelho de T. Vedras no Oeste	16,7%	21,2%	35,1%			29,7%		
Peso (%) do concelho de T. Vedras na RLVT	0,6%	0,9%	0,2%			0,2%		
<i>Indicadores per capita</i>			17,8			10,3		
Grande Lisboa	758	11957	507907593	185436426	52782246	311049419	102548503	24637436
Península de Setúbal	59	934	9326303	4609033	1173900	2992314	2084936	293488

Se compararmos a tiragem anual das publicações por habitante e os exemplares vendidos também por habitante residente, entre a região do Oeste e o concelho de Torres Vedras, concluímos que a superior oferta no concelho de Torres Vedras, podendo indiciar uma maior dinâmica de procura deste tipo de produtos.

No que respeita os espectáculos ao vivo, os anos de 2000 e 2001 registam uma evolução relativamente ao número de sessões, de espectadores e de receitas. A sub-região Oeste comparativamente à região de LVT em 2001, detém 3,06% de sessões, 2,4% de espectadores e 1,7% de receitas. Os dados de Torres Vedras disponíveis não permitem fazer uma análise da evolução. Comparando

QUADRO 5: Espectáculos ao vivo em 2000 e 2001

NUTS e CONCELHOS	2000			2001			
	Sessões	Espectadores	Receitas	Sessões	Espectadores	Receitas	Espectadores por 1000 hab
	Nº		Milhares de euros	Nº		Milhares de euros	
Portugal	9 016	2 910 180	15 408	13 196	3835553	17 888	370
Lisboa e Vale do Tejo	4 832	1 596 856	11 739	6 335	1853271	12 425	534
Oeste	186	36 956	150	194	45591	214	116
Torres Vedras	...	...	...	16	2165	2	30

Fonte: INE, Censos 2001 e Anuários Regionais

No domínio das fontes de documentação, a região de LVT comparativamente a Portugal possui um total de 44,8% de documentos, 33,2% de documentos adquiridos no ano e 37,2% de documentos consultados, aferindo um total de 5 337 569 utilizadores, o que corresponde no espectro da região a 34,9% dos utilizadores. Em

termos comparativos, e considerando número de utilizadores que consultaram documentos por mil habitantes, podemos dizer que Torres Vedras se posiciona na proximidade de LVT, destacando-se do Oeste, o mesmo não acontecendo contudo no que se refere aos empréstimos, em que o indicador de número de utilizadores de empréstimo por 1000 habitantes é mais baixo no concelho face ao mesmo indicador no oeste e na região de LVT.

QUADRO 6: Bibliotecas em 2001

NUTS	Total	Documentos				Utilizadores por 1000 hab	
		Existentes	Adquiridos no ano	Consultados	Emprestados	Consulta	Empréstimo
CONCELHOS	Nº						
Portugal	1 912	40 440 698	2 140 186	16 473 271	6 049 245	117	305
Lisboa e Vale do Tejo	712	18 137 781	710 783	6 138 737	1 931 419	1 268	268
Oeste	55	674 475	62 559	491 914	157 050	879	232
Torres Vedras	8	99 562	4 840	103 786	22 340	1 241	192

Fonte: INE, Censos 2001 e Anuários Regionais

No que se refere aos recintos culturais e a outros dados sobre cinemas, museus e galerias de artes, as estatísticas disponíveis (anuários Estatísticos Regionais do INE) não fornecem dados específicos sobre o concelho de Torres Vedras, não permitindo deste modo uma análise adequada.

Em termos conclusivos, e reportando-nos aos dados estatísticos anteriormente apresentados, podemos considerar que a RLVT apresenta face ao contexto nacional um posicionamento de vantagem no tocante à oferta de equipamentos e dinâmicas de cultura. Esta situação tem de ser devidamente interpretada em função do facto de a região incluir a cidade de Lisboa, que mantém níveis de oferta e de desempenhos dos seus actores culturais muito diferentes, quer em termos de qualidade, quer de quantidade. A situação na região é bastante heterogénea na medida em que persistem inúmeros concelhos com dinâmicas culturais muito débeis.

O concelho de Torres Vedras, dado o seu enquadramento territorial, poderá retirar todo um conjunto de trunfos da proximidade que mantém relativamente à cidade de Lisboa e alguns dos concelhos limítrofes (dentro da Área Metropolitana de Lisboa) e à dinâmica de oferta cultural que se verifica, sendo, nessa lógica que perspectivamos a potencial afirmação deste contexto.

Considerando ainda uma abordagem micro, com base numa análise do dinamismo cultural e lúdico do concelho e cidade de Torres Vedras, torna-se pertinente cruzar a escala de informação macro anteriormente referida com um perfil de informação directamente reportado à especificidade dos actores e equipamentos culturais de Torres Vedras. A cidade e o concelho de Torres Vedras apresentam o que podemos designar como uma centralidade estratégica no contexto de afirmação do Oeste na Região de Lisboa e Vale do Tejo. Esta centralidade advém da posição de charneira que Torres Vedras poderá ocupar na ligação entre contextos mais metropolitanos e áreas mais pautadas pela ruralidade. Por outro lado, a cidade e o concelho de Torres Vedras apresentam um dinamismo em torno de determinadas manifestações culturais muito relevante no contexto do Oeste e com repercussões potencialmente importantes na Região de Lisboa e Vale do Tejo, nomeadamente, no âmbito das comemorações e festejos do Carnaval.

Incidindo o nosso olhar nos públicos das dinâmicas culturais e lúdicas do concelho de Torres Vedras, os *públicos da cultura* em Torres Vedras não são muito diferentes do resto do país, também porque Torres Vedras não assume qualquer representação singular no panorama cultural contemporâneo. Mas, acima de tudo, o(s) público(s) da cultura são muito pouco conhecidos, porque os estudos de público são uma área ainda pouco desenvolvida, pelo menos localmente. O único vector que parecer ser conhecido é a ausência ou não de público e a sua quantificação, por vezes *defeituosa*. Quando há público é reconhecida a validade da acção ou evento; quando não há, culpa-se a divulgação, a falta de interesse dele pela participação em actividades culturais, ou a habituação a programas caseiros a que a televisão obriga. Assim, a abordagem seguinte passa por uma análise dos públicos reportados aos equipamentos e actores culturais existentes no concelho.

Se nos reportarmos aos públicos do Gabinete de Animação Cultural da Câmara Municipal de Torres Vedras, podemos considerar e dentro de uma apreciação geral que são muito heterogéneos. Enquanto desenvolveu uma programação cultural, a segmentação dos públicos era realizada no acto de programação (p. ex. a *Programação Regular de Música* destinava-se a um público maioritariamente adulto, conhecedor, de classe média-alta; outro ex. o *Castelo de Música*, destinava a um

público mais difícil de definir, mas que englobava as classes etárias jovem e adulto, sendo impossível determinar classes sociais).

Podemos dizer que de entre as *associações culturais* com maior grau de especialização encontramos as *bandas de música* e os *ranchos folclóricos*. Existem no concelho de Torres Vedras seis bandas de música, algumas centenárias e alguns ranchos. Os públicos que atraem são maioritariamente de base local.

No caso do *Arquivo Municipal*, e dada a sua missão, os seus utilizadores preferenciais do Arquivo Municipal são os diversos serviços da autarquia. Todavia, pelo património documental que guarda, investigadores, professores, alunos e curiosos em geral são utilizadores dos serviços do Arquivo Municipal. No que diz respeito aos investigadores, os dados disponíveis referem-se aos anos de 1998-1999, no decorrer dos quais recorreram aos serviços dos Arquivo Histórico 85 investigadores, 55 em 1998 e 30 em 1999.

Relativamente à *Galeria Municipal*, podemos salientar, e no concernente à Galeria (Piso 0), a seguinte configuração de públicos: 2003 (visitantes): Novembro: 339 / Dezembro: 346; 2004 (visitantes): Janeiro: 300 / Fevereiro: 290. Trata-se de uma contagem que não inclui as inaugurações, mas evidencia, eventualmente, ainda a pouca receptividade dos públicos de Torres face a dinâmicas mais arrojadas de artes plásticas contemporâneas.

Em 2002, frequentaram a *Biblioteca Municipal* 81 830 utilizadores¹⁰. Em média, a Biblioteca recebe 7350 visitantes/mês, com excepção do mês de Agosto, onde apenas 1000 frequentadores. Em Dezembro de 2002, a Biblioteca tinha 2679 leitores inscritos. As actividades de animação cultural tiveram 3192 participantes. Não estão contabilizados neste número, nem os visitantes das diversas exposições realizadas, para os quais não temos estatísticas, nem os visitantes do pavilhão da biblioteca na Oeste Infantil. 47% dos utilizadores que utilizam o empréstimo domiciliário (leitores inscritos) situam-se na faixa etária 17-35 anos; 70% são estudantes. A sala infanto-juvenil é frequentada por crianças e jovens, maioritariamente, da faixa 6-12 anos (73%). Na sala dos audiovisuais e multimédia os frequentadores distribuem-se principalmente pelas classes etárias 13-16 anos (26%), 17-20 anos (34%) e 21-35

¹⁰ Refere-se este ano a título ilustrativo.

anos (25%); 76% são estudantes. A *Internet* é um dos serviços mais solicitados. Em 2002 foram consultados 53685 documentos em regime presencial, dos quais 17.105 na sala de adultos.

Se observarmos o *Museu Municipal*, os dados estatísticos, disponíveis desde 1997 até 2002, indicam uma relativa solidez dos públicos do Museu. Porém, os critérios utilizados não permitem uma continuidade analítica satisfatória, na medida em que só após 1989 os grupos escolares foram contados *per capita*. A recente distinção entre 'visitante', 'utente' e 'participante', bem como os longos períodos que o museu esteve fechado ao público, nos anos 1989-92, 2000 e 2002, colocam problemas adicionais. No que diz respeito à proveniência dos visitantes individuais a variação é a nota dominante: se, em 1999, 47% dos visitantes residiam noutros outros concelhos, percentagem superior aos visitantes provenientes de Torres Vedras, já em 2002, 60% dos visitantes residiam no concelho. No que diz respeito às visitas de grupos escolares (na maioria de escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico), em média 60% são provenientes de escolas de Torres Vedras. Esta percentagem inverte-se com os visitantes em grupos não escolares, provenientes em esmagadora maioria de outros concelhos. Os visitantes estrangeiros atingem as 3 centenas / ano. Em termos de motivações, estes utentes procuram sobretudo informação turística.

No tocante ao *Teatro-Cine* não existem dados de natureza sociológica, que permitam uma caracterização dos públicos. Contudo, podemos dizer que a programação de carácter generalista procura atingir um público alargado, existindo uma franja destinada a um público jovem/infantil - está previsto realizar-se, a curto prazo, inquéritos de público. Quanto a dados de natureza quantitativa, o quadro seguinte resume a temporada de 2002. Uma chamada de atenção para dois factos, de alguma maneira inesperados: por um lado, a taxa de ocupação mais elevada corresponde aos espectáculos de dança, área com pouca penetração na programação municipal; por outro, a música clássica atinge uma ocupação de sala, em média, superior ao Jazz.

QUADRO 7: Públicos do Teatro Cine, por área artística, em 2002

	Nº Sessões	Nº Bilhetes Vendidos	Nº Bilhetes Oferecidos	Total	% Ocupação p/ Sessão
Teatro	9	2046	793	2839	71%
Música Clássica	5	0	1150	1150	52%
Jazz	5	382	319	701	32%
Coros	3	0	750	750	56%
Dança	2	321	347	668	75%
Variedades	2	362	204	566	64%
Multidisciplinares	2	502	67	569	64%
Total	28	3613	3630	7243	

No caso concreto do Carnaval de Torres, em termos de afluência de públicos, podemos dizer que movimenta cerca de 30 mil pessoas em média, por ano, tendo algum peso as questões meteorológicas e a concorrência de outros carnavais vizinhos (Alcobaça, Lourinhã, Mealhada e Ovar). Trata-se de um Carnaval que mantém a afirmação identitária, no sentido em que permite a participação popular de uma forma mais concreta. Seria importante atrair um segmento de público mais ligado às classes médias/altas, mas tal só se consegue se existirem actividades capazes de atrair e fidelizar esse tipo de públicos, tais como, encontros de música cómica, festivais do riso, sessões de leitura dedicadas à sátira e ao riso, ciclos de cinema do riso e do cómico, etc.

Ainda podemos realizar uma distinção, no respeitante aos públicos do Carnaval, entre os públicos de dia e os públicos da noite¹¹. Assim, os públicos de dia são oriundos da Área Metropolitana de Lisboa e da Região de Lisboa e Vale do Tejo (de Santarém até Setúbal). São essencialmente compostos por famílias das classes C e D e deslocam-se a Torres para assistir ao que “não têm nas suas terras”. Organizam as suas visitas para todo o dia, vindo de manhã, almoçando, frequentando as praias, etc. Os públicos da noite são diferentes, geralmente mais jovens, tratando-se de uma população estudantil universitária com rendimentos mais elevados, oriunda das classes B e C. Em termos de origem geográfica, vêm essencialmente da Região de Lisboa e Vale do Tejo, mas também, de Évora, Porto, Coimbra, etc.. Apostam muito nas máscaras, nas pinturas corporais, vivem o Carnaval como uma catarse.

¹¹ Segundo a óptica do Dr. Jorge Ralha, vereador da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras mediante uma entrevista realizada em Março de 2004.

QUADRO 8: Participantes no Carnaval de Torres (1999-2004)

	Lista de Ofertas (nº)	Lista de Moradores (nº)	Lista de Vendas (nº)	Total	Taxa de Crescimento anual (%)
2004	656	1 854	496	3 006	31,7
2003	480	1 405	397	2 282	5,1
2002	510	1 260	401	2 171	-7,2
2001	483	1 299	558	2 340	10,8
2000	486	1 162	464	2 112	15,5
1999	418	1 141	270	1 829	-

FONTE: Sector da Educação da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2004.

Claro que a contabilização dos públicos do Carnaval se assume como uma tarefa muito difícil, na medida em que as pessoas que entram mascaradas são, simultaneamente, espectadores e actores. Por outro lado, a noite de segunda feira, sendo a “mais forte” em termos de afluência de públicos é completamente gratuita, assim como, na quarta-feira, o enterro do entrudo. Independentemente dessa constatação, de facto, o Carnaval assume-se como o evento com maior capacidade de congregação de públicos dentro e fora do concelho, daí a sua consideração em termos de sustentabilidade das dinâmicas culturais de Torres Vedras. Refira-se ainda que desde 1999 até 2004, o volume de crescimento dos públicos do Carnaval tem vindo a sofrer algumas flutuações importantes, sendo de registar uma evolução positiva nos primeiros anos em análise, reforçada de forma muito destacada de 2003 para 2004.

5.2. Caracterização e segmentação do mercado alvo do Centro de Artes do Carnaval

O Centro de Artes do Carnaval deverá assumir uma estratégia de marketing segmentada no sentido de melhor gerir os seus recursos e de garantir maior eficácia nos resultados que venha a atingir no âmbito da interacção com os seus públicos. De uma forma global, considerando a missão e as orientações programáticas que o CAC se propõe levar a efeito, este novo equipamento destina-se a cumprir um serviço público e deste modo, deverá estar aberto a todos os públicos. Contudo, as suas características específicas e as orientações particulares que assume, em matéria de programação de actividades, podem adquirir capacidades diferentes de concorrer com outras ofertas nos mercados cultural, educativo e de recreio e lazer, em função das necessidades, interesses e motivações dos diferentes segmentos de público-alvo.

O primeiro passo para traçar a estratégia de marketing para o CAC passa por uma definição dos segmentos de público-alvo que se afiguram relevantes face à missão e às orientações programáticas desta nova estrutura. Este exercício inclui duas componentes de análise e formulação estratégica:

- A previsão do comportamento do público, com o objectivo de compreender os principais factores que influenciam a tomada de decisão de visitar ou não o equipamento e de frequentar ou não as suas actividades;
- A definição dos segmentos de público-alvo, permitindo definir o posicionamento do CAC em função da concorrência potencial e do seu público-alvo.

5.2.1. Comportamento do público

Considerando que estamos perante a criação de um novo equipamento e que não existem elementos históricos sobre o comportamento do público, a previsão de comportamentos a fazer basear-se-á sobre tudo em dados objectivos sobre as aspirações e motivações psico-cognitivas e sócio-culturais do público perante ofertas culturais e de lazer similares, incluindo os museus.

Embora não se tenha optado por elaborar uma sondagem ou um estudo de opinião sobre o que o público pensa quanto ao aparecimento desta nova estrutura cultural no concelho de Torres Vedras e quantos às perspectivas que têm relativamente à sua frequência e visita, os trabalhos de diagnóstico elaborados no sentido de desenhar a programação deste equipamentos e a análise de outros estudos publicados sobre as práticas e consumos culturais dos portugueses, nomeadamente em grandes eventos ou em infra-estruturas específicas, permitem-nos projectar factores e tendências de comportamento do público adaptadas ao caso concreto do CAC.

O quadro seguinte estabelece por grandes segmentos de público, as aspirações e motivações de ordem psico-cognitiva que sócio-cultural que poderão influenciar a decisão de visita do CAC:

Público em geral

- Busca de entretenimento, de lazer e de conhecimento em condições de segurança
- Necessidade de fruição de espaços de memória e de identidade local
- Valorização de iniciativas de cultura popular local
- Valorização da comunicação interpessoal e de todos os conteúdos que apelem para a memória de tempos passados
- Apetência para práticas de expressão artística e criativas e de comunicação num contexto de informalidade e de relacionamento interpessoal
- Apetência para consumos culturais e lúdicos pautados por ideais estéticos e de valorização artística, mas também de entretenimento e de fruição lúdica.
- Apetência para consumos culturais e lúdicos tendo em vista uma actualização e renovação de conhecimentos
- Adesão a iniciativas em prol da valorização do património
- Procura de programas de foro educativo ou de intermediação (visitas guiadas, turismo cultural, material de apoio expositivo, catálogos, publicações, etc.)
- Motivação para a adesão a iniciativas associativas em torno do equipamento

Famílias

- Forte apetência para a ocupação de tempos livres em período de fins de semana e de férias, envolvendo toda a família
- Valorização de iniciativas que se prendam com a ocupação de crianças e de jovens, que têm na base objectivos de lazer e de entretenimento
- Apetência por experiências de aprendizagem numa dinâmica intergeracional
- Gostos culturais diversificados, receptivos a manifestações de cultura popular e dinâmicas lúdicas e de animação interactiva
- Procura de programas de foro educativo ou de intermediação (visitas guiadas, material de apoio expositivo, catálogos, publicações, etc.)
- Busca de actividades culturais e formativas em espaços com possibilidade de associação a serviços complementares - cafetaria, restauração, lojas, espaços lúdicos, etc.
- Busca de entretenimento, de lazer e de conhecimento em condições de segurança

- Adesão a iniciativas em prol da valorização do património cultural e da memória
- Atitude de grande receptividade face a novos contextos de relacionamento e de incremento das sociabilidades
- Motivação para o desenvolvimento de gostos culturais mais sofisticados, entrecruzados com uma vocação forte para a cultura de massas, numa perspectiva de mobilidade social e cultural de sentido ascendente
- Procura de equipamentos e de espaços referenciados pelos *media* e que detenham no imaginária colectivo uma posição destacada em termos de “espaços de moda”

Público escolar

- Preferência para a efectivação de visitas no quadro do calendário lectivo (nomeadamente, entre os meses de Janeiro e Maio), sobre temáticas relacionadas com os conteúdos curriculares
- Forte curiosidade e interesse por novos saberes e contextos
- Forte apetência para actividades de experimentação com o meio
- Forte motivação para o despertar da imaginação e da exploração do interrelacionamento através do desenvolvimento de actividades lúdicas, desenvolvendo a socialização e a comunicação inter-grupos
- Interesse pelo conhecimento, especialmente se orientado para áreas de preferência disciplinar e para os conteúdos curriculares específicos
- Desenvolver a capacidade de desenvolver a articulação entre os conhecimentos científicos e a sua aplicação prática
- Valorização e receptividade face a novas formas de expressão culturais contemporâneas e alternativas
- Valorização do desenvolvimento de novas sociabilidades e do alicerçar das relações com o passado tendo em vista um reforço da identidade pessoal e social
- Apetência face a formas de expressão cultural de recorte contemporâneo e alternativo

Turistas

- Sensibilidade à existência de uma oferta regular de animação cultural e lúdica
- Forte apetência para conhecer e estabelecer relação com o património e com as

identidades culturais locais

- Apetência por produtos de elevada qualidade do ponto de vista da fruição ambiental
- Gostos e estilos de vida muito diversificados, embora partilhando a curiosidade por produtos típicos, em particular pelo artesanato e gastronomia locais
- Abertura e receptividade ao contacto com novas linguagens e expressões criativas e à inovação estética e artística
- Interesse e gosto pelo com manifestações artísticas e culturais e património cultural (monumentos, sítios ou conjuntos arquitectónicos, museus e manifestações da cultura tradicional e espectáculos artísticos)
- Permeabilidade ao usufruto de produtos turísticos integrados
- Valorização de espaços com componente comercial e de espaços de relacionamento interpessoais de natureza lúdica que complementem outras ofertas turísticas, como por exemplo, sol & praia, natureza, parques temáticos, actividades desportivas, etc

Entusiastas e “apreciadores” do Carnaval

- Interesse específico pela problemática do Carnaval
- Forte receptividade a todos os serviços e produtos relacionados com a temática do Carnaval
- Receptividade a abordagens diversificadas da temática do Carnaval, designadamente de natureza identitária e museológica
- Motivação para a participação em iniciativas organizativas e associativas
- Motivação para participação em espaços de desenvolvimento de novas sociabilidades
- Necessidade de aprofundamento de conhecimentos

Contudo a decisão de visita do CAC não vai depender apenas de factores pessoais ou associados ao contexto pessoal do visitante, como sejam a integração na escola, a presença em determinados circuitos turísticos ou outra qualquer situação de grupo que viabilize essa visita. A decisão será igualmente influenciada pela forma como o potencial visitante tenha acesso à informação, possa manusear essa informação, apreenda o tipo de mensagem e fique motivado para actividades ou produtos que à partida lhe interessam, etc.

Por outro lado, a decisão de vista depende igualmente das alternativas que estarão disponíveis para o público nos momentos em que este está predisposto para realizar uma actividade de natureza similar. Neste caso o acesso a informação pertinente e apelativa pode contribuir para a escolha de uma alternativa em lugar de outras que estariam, provavelmente, dentro do leque de escolhas do visitante.

A política de comunicação e divulgação do CAC e das actividades e acontecimentos que aí se vão realizar, assume assim um carácter fundamental no sentido de apoiar e estimular a decisão de visita e de poder favorecer este equipamento em face de alternativas de oferta de idêntica natureza.

Para além dos factores que são determinantes na decisão de visitar pela primeira vez o CAC, existe um conjunto de outros factores que influenciam de forma muito significativa as decisões de repetição (de “voltar”). Neste domínio são essenciais os factores de ordem interna à própria estrutura e o valor atribuído pelo visitante após concluída a visita imediatamente anterior ou visitas anteriores.

Os factores de ordem interna que podem influenciar a repetição de visita por parte do público do CAC podem ser de natureza diferente, dentro das seguintes dimensões:

- qualidade dos serviços oferecidos pelo CAC e o grau de satisfação retirado da visita em função dessa qualidade, qualidade está relacionada não apenas com o ambiente físico, associado ao espaço, com os conteúdos ou a forma de organização dos mesmos, mas também e muito frequentemente, principalmente, com a simpatia, profissionalismo e acesso ao pessoal de atendimento ou de intermediação que a organização possui;
- diversidade dos serviços, na medida em que o público procura frequentemente associar diversas actividades de forma a ocupar os seus tempos livres (por exemplo a realização de uma refeição quando a família decide passar um dia num equipamento desta natureza; a compra de material de documentação quando a motivação da vista se associa em especial à busca de aprofundamento do conhecimento; a possibilidade de aquisição de recordações ou elementos relacionados com o património local, quando a motivação do público turista se associa à curiosidade pela cultura e o património local.

Podem ainda distinguir-se alguns níveis de intensidade desses factores conforme se esteja perante público ocasional (em especial os turistas ou visitantes de Torres

Vedras) e perante público habitual (em especial, a população local, a população das áreas envolventes, privilegiadamente dentro de alguns segmentos e os aficionados da temática do Carnaval”). Neste último caso, para além da qualidade e diversidade dos serviços, a sustentação da relação de fidelização com o CAC poderá depender igualmente do nível de conteúdos oferecido, mas sobretudo das oportunidades que esta relação habitual pode trazer de vantagens para o visitante, através nomeadamente dos preços de acesso de entrada ou a outros serviços, a través de uma informação mais personalizada, através de outros envolvimento e possibilidade de participações em eventos.

5.2.2. Segmentação do público

A segmentação do público-alvo do CAC tem como principais finalidades, o desenvolvimento de uma análise sistemática do modo como se encontra estruturado o mercado alvo do equipamento e a formulação de uma estratégia que deriva dessa análise da estrutura do mercado.

As bases para a segmentação do público-alvo podem ser de diversa ordem. Neste caso, e dadas as similitudes e a proximidade do modelo do CAC com outras estruturas museológicas, partimos para o exercício de segmentação de públicos que consideramos associado ao mercado museológico. Evidentemente que, dentro desta opção, procurou-se garantir alguns dos princípios que as técnicas do marketing enunciam, designadamente, assegurar a mensurabilidade, a representatividade e a acessibilidade a estes segmentos de público-alvo. Isto é, os segmentos de público alvo que nos propomos trabalhar no caso do CAC permitem: estimar a sua dimensão – serem mensuráveis; possuir uma dimensão relativamente significativa que permita à futura organização estruturar serviços e produtos orientados para cada um deles – serem representativos; oferecer condições de comunicação eficiente com os indivíduos que integram cada um dos segmentos – serem acessíveis.

O quadro seguinte explicita as variáveis que foram consideradas para efeito da segmentação estabelecida:

<i>Variáveis de segmentação</i>	<i>Critérios de segmentação</i>
Geográfica	Esta variável permite segmentar os mercado em função da proximidade / acessibilidade ao CAC, estabelecendo-se para o efeito a seguinte segmentação em função do local da residência e do local de alojamento no caso dos turistas estrangeiros e nacionais: - Torres Vedras - Sub-região do Oeste (excepto Torres Vedras) - Sub-região do Médio Tejo - Lisboa (de acordo com a actual NUT II) - Restante país (excepto as áreas atrás referidas)
Demográficas	As variáveis demográficas foram utilizadas de forma diferenciada, contribuindo para formatar alguns segmentos: - Ocupação: permitindo criar o segmento da população escolar, discente e docente. Esta segmentação é depois subdividida em subsegmentos em função do nível de ensino que frequentam; - Ciclo da vida familiar: permitindo criar o segmento das famílias e subdividi-lo em dois grandes subsegmentos, conforme têm ou não filhos a seu cargo; - Idade: permitindo criar subsegmentos dentro do público em geral, por grandes grupos etários. - Nacionalidade: variável que se utiliza para diferenciação dos turistas
De comportamento	Foram consideradas duas variáveis: - Ocasão em que a visita se pode fazer: associado ou não à situação de turista, sendo que neste caso apenas se consideram os turistas alojados numa área geográfica determinada, envolvente a Torres Vedras (incluindo o próprio concelho e as sub-regiões do Oeste, do Médio Tejo e da Grande Lisboa) - Atitude face ao produto / equipamento: estabelecendo um segmento de aficionados pelo Carnaval.

Da aplicação cruzada das variáveis consideradas e dos critérios estabelecidos, a segmentação estabelecida para a definição da estratégia de marketing e para a projecção de visitantes é a seguinte:

Segmentos	Subsegmentos	Observações
População em geral Embora este segmento não tenha grande homogeneidade, ao nível dos subsegmentos definidos em função do local de residência, é possível identificar motivações diferenciados. Este segmento pressupõe que a deslocação ao CAC não é feita em grupo familiar. Este segmento é cruzado nos seus diversos subsegmentos com os seguintes grupos etários: - dos 6 aos 14 anos - dos 10 aos 15 anos - dos 15 aos 19 anos - dos 20 aos 29 anos - dos 30 aos 64 anos - com 65 ou mais anos. A decisão de vista varia segundo os grupos etários, designadamente, nos que pressupõem o acompanhamento de um adulto.	População local (residentes em Torres Vedras) Consideram-se todos os grupos etários a partir dos 6 anos, admitindo que têm autonomia para visitarem o CAC sem ser com a família ou a escola	Segmento que é tanto mais relevante quanto o projecto museológico assume uma missão e uma identidade marcadamente local.
	População do Oeste (residente nos restantes municípios do Oeste) Consideram-se todos os grupos etários a partir dos 15 anos, admitindo que têm autonomia para visitarem o CAC sem ser com a família ou a escola	Segmento que embora não mantenha uma relação idêntica com o equipamento que a população local, dada a proximidade e a crescente mobilidade é potencialmente bastante fidelizável ao CAC
	População do Médio Tejo, por grandes grupos etários Consideram-se todos os grupos etários a partir dos 20 anos, admitindo que têm autonomia para visitarem o CAC sem ser com a família ou a escola	A sua acessibilidade a Torres Vedras é boa, dada a existência da rede de itinerários principais e complementares e de auto-estradas, embora não exista grande proximidade psicológica das pessoas, uma vez que historicamente a acessibilidade era péssima e estavam orientados privilegiadamente para a cidade e arredores de Lisboa)
	População em Lisboa, por grandes grupos etários Consideram-se todos os grupos etários a partir dos 20 anos, admitindo que têm autonomia para visitarem o CAC sem ser com a família ou a escola	É um segmento potencialmente muito interessante porque inclui uma percentagem grande de população urbana que procura saídas da grande cidade nos seus tempos livres e que numa cota parte, se dirige para o concelho de torres Vedras com motivação de sol&praia.
	População no restante país, por grandes grupos etários Consideram-se todos os grupos etários a partir dos 20 anos, admitindo que têm autonomia para visitarem o CAC sem ser com a família ou a escola	Este subsegmento pressuporá, em especial a conjugação de uma deslocação de passeio com duração de um dia

Segmentos	Subsegmentos	Observações
Famílias:	Famílias com filhos - este subsegmento é ainda subdividido em função do local de residência	Segmentos muito relevantes no mercado museológico nacional, com diferenças muito significativas de motivações e de interesses, designadamente, em função do ciclo de vida familiar, mas também da classe social
	Famílias sem filhos - este subsegmento é ainda subdividido em função do local de residência	
População escolar: segmento com maior peso no mercado museológico, com comportamentos diferenciados em função dos níveis de ensino que se repercutem quer nos interesses e motivações possuídas, quer na preferência por práticas em museus/ centros de arte face a outras práticas culturais, educativas ou de recreio e lazer alternativas A população discente é subsegmentada em função dos principais níveis de ensino e por origem geográfica (local de frequência do estabelecimento de ensino)	Docentes – considera-se apenas um segmento, por razões que se prendem com a representatividade da sua dimensão, embora possam existir algumas diferenças pequenas entre os factores de decisão para visita ao CAC e os comportamentos, conforme se encontram num ou noutro nível de ensino. Excluem-se deste segmento os docentes do ensino superior, porque representar um segmento com comportamento muito diversos dos restantes	Este segmento poderá visitar o CAC quer como orientador de grupos escolares, quer individualmente para preparação de visititas com esses grupos. No entanto é natural que esta última situação se verifique com frequência representativa nos docentes que leccionam nas escolas do concelho e dos concelhos envolventes. Este último tipo de prática poderá ser estimulada por uma comunicação específica do CAC com os estabelecimentos de ensino.
	Alunos do ensino pré-primário – apenas se consideram os alunos em estabelecimentos dentro do concelho e da subregião do Oeste, considerando que a distância condiciona a decisão neste segmento escolar	Em qualquer um destes segmentos pressupõe-se que as visitas são organizadas pelas respectivas escolas / docentes. A frequência de programas de animação(ateliers e outros) em princípio pressupõe outro tipo de iniciativa, mas partindo de qualquer modo da escola. Embora possam existir algumas diferenças entre a frequência dos alunos dos vários ciclos do ensino básico, considerou-se um único segmento.
	Alunos do ensino básico	
	Alunos do ensino secundário e profissional	
	Alunos do ensino superior	Considera-se que a tomada de decisão e a visita neste segmento é individual.

Segmentos	Subsegmentos	Observações
Turistas: segmento igualmente importante no mercado museológico e artístico nacional, embora com variações significativas em função das áreas temáticas e da localização geográfica dos museus. Os critérios de segmentação considerados incluem o local de alojamento e a nacionalidade dos turistas. Relativamente ao primeiro critério apenas se consideram os locais de alojamento mais próximos: Torres Vedras, restantes concelhos do Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa, considerando que apenas nestes casos a acessibilidade ao público-alvo é significativa.	Turistas nacionais	O facto de o CAC se localizar num concelho litoral, a capacidade de atrair este segmento é mais representativa considerando que se trata de um produto que é complementar aos produtos turísticos de sol & praia, golfe (oferta turística crescente na zona do Oeste) ou saúde e bem estar e se pode integrar num segmento de turismo cultural.
	Turistas estrangeiros	Por outro lado, o CAC poderá vir a posicionar-se estrategicamente face ao segmento de turismo de <i>touring</i>, integrando-se em circuitos com eventual partida de Lisboa ou de Sintra (destinos turísticos muito importantes).
Entusiastas: segmento específico, em geral associado à temática específica e ao contexto particular do museu, apresenta um potencial muito interessante para a estratégia de interacção do museu ou centro de artes com o, designadamente, criando condições para a formação de grupos mais específicos como são os amigos ou, no caso do CAC os potenciais donatários de objectos de colecção. Trata-se de um segmento de difícil comunicação durante o período de arranque do CAC, embora possam no próprio processo da sua criação, serem tomadas algumas medidas de comunicação no sentido do desenvolvimento deste segmento. Trata-se de um segmento que na fase de arranque não é mensurável, mas que deve ser posteriormente trabalhado no sentido de poder ter uma abordagem comercial adequada.		

5.3. Posicionamento do Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras (CAC)

Embora a temática do Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras seja o elemento determinante na diferenciação deste equipamentos cultural face a outros equipamentos locais e regionais, o posicionamento do CAC aposta complementarmente na oferta de serviços diferenciados em função dos segmentos de público-alvo preferenciais.

A missão e os objectivos estratégicos formulados para o CAC sustentam este seu posicionamento em torno da temática central do Carnaval, abordada em estreita relação com outras temáticas confinantes, do Humor, da Máscara e da Sátira. Embora a cidade de Torres Novas não se diferencie de várias outras cidades, nacionais e estrangeiras, pelo facto de eleger o Carnaval como grande manifestação cultural e lúdica no espaço público, a criação de um equipamento municipal em torno desta temática assumir-se-á como factor importante dessa diferenciação. A nova estrutura, com apostas muito específicas nos domínios da preservação das memórias e do património local (espólio documental e artístico) associado ao Carnaval e da formação e experimentação ao nível da expressão plástica e das práticas artísticas, adquire em si factores de diferenciação face a outros equipamentos pela via dos serviços oferecidos, conforme adiante se especifica.

De acordo com as suas orientações estratégicas, CAC afirmar-se-á como um espaço plural e multidisciplinar, como espaço de experimentação e de inovação e como espaço de tradição e memória. Os serviços e respectivas actividades programadas para o novo Centro, orientados para diferentes segmentos de público, procuram responder a motivações e aspirações específicas de cada um desses segmentos.

Dentro do **Programa Museológico do CAC**, a sua **área expositiva** centrada em torno do Carnaval, da Máscara, do Humor e da Sátira, tem uma orientação vocacionada preferencialmente para os seguintes segmentos:

- ❖ A população escolar discente do concelho e dos concelhos limítrofes (concelhos que integram a sub-região do Oeste), mas podendo atrair também população escolar dos níveis mais elevados do ensino de outras áreas, incluindo Lisboa (NUT II) e restante país. As actividades que se processem

durante o período do Carnaval ou associadas a outros domínios que se relacionem com programas curriculares, nomeadamente dentro da literatura (português), das artes plásticas (Educação visual e tecnológica), etc. são uma componente importante da programação vocacionada para este segmento.

- ❖ A população docente do concelho e da região envolvente e mesmo de outras áreas mais afastadas, no que se refere a oferta específica de material de trabalho e de preparação de visitas guiadas com os seus alunos.
- ❖ O segmento das famílias, com e sem filhos, especialmente para ocupação de tempos livres, ao fim de semana, principalmente no caso da população residente no concelho de Torres Vedras e concelhos mais próximos (Oeste, Lisboa e Médio Tejo). No caso de população residente em concelhos mais afastados, nomeadamente, na região de Lisboa, a oferta em período de férias ou na época do Carnaval, constitui uma componente de aposta muito interessante.
- ❖ Os turistas alojados localmente ou na região de Lisboa e que procuram elementos singulares associados à cultura e tradição local, programação cultural com qualidade e espaços de lazer com programação diferenciada.
- ❖ A população em geral, em especial as pessoas que na época do Carnaval se deslocam a Torres Vedras em virtude da sua tradição nas manifestações em espaço público e que à partida estarão motivados para uma visita ao Centro, em complemento da participação nos eventos mais tradicionais.

No quadro ainda do **Programa Museológico, a área documental**, que abordará as temáticas do Carnaval de Torres, do Carnaval Mediterrânico/As festas de Inverno e do Carnaval em Portugal e na Europa Mediterrânea, bem como do Humor, tem uma orientação preferencial para a população escolar da cidade e do concelho ou concelhos limítrofes (do Oeste), incluindo a população do ensino superior (discentes) e os docentes ao nível de todos os graus de ensino, de outras zonas mais afastadas, mas que se interessam por investigação e estudo das temáticas abordadas. Para além destes segmentos específicos e preferenciais dentro do serviço de documentação, incluem-se alguns segmentos da população em geral, em especial do concelho e dos

concelhos limítrofes, com motivação específica de estudo ou de contacto com os temas abordados.

O CAC, para além da área expositiva e documental, oferece um **Programa de Animação e Expressão Artística** muito diversificado e de grande qualidade, composto por: Secção de educação artística, orientada para adultos, jovens e crianças e para grupos de alunos pouco numerosos; Ateliers temáticos de expressão artística, orientados para grupos pouco numerosos; Oficinas de apoio aos festejos de Carnaval, mais ligado ao tecido educativo e associativo da cidade, bem como, aos criativos de elementos histriónicos, que admitem públicos muito diferenciados; Oficinas de animação, com vocação de lazer intensivo e com uma animação de carácter lúdico e cultural; e a realização do Festival de Humor no Solstício de Verão (C.O.M. e D.I.A.). Os frequentadores preferenciais desta área serão a população escolar enquadrada no tecido escolar, a população escolar inserida nas visitas ao CAC de forma individual e os adultos com grau de escolarização ao nível do ensino básico obrigatório. Ressalte-se a importância particular de que se irá revestir a realização do Festival, dadas as suas particularidades, poderá atrair um leque mais alargado em termos quantitativos de visitantes. Este conjunto de programas educativos e de formação e sensibilização artística constituem factores muito relevantes de diferenciação do CAC e geram, desta forma, um efeito multiplicador na atracção de visitantes das exposições.

As **componentes comerciais**, designadamente, o serviço de cafetaria e bar, a venda local de produtos, as vendas por mailling/internet e o aluguer de espaços a terceiros qualificam e complementam a oferta de carácter cultural, lúdica e formativa do Centro, potenciado deste modo cada um dos segmentos referenciados às outras áreas do CAC, em especial alguns desses segmentos. No caso das famílias e da população oriunda de proveniências mais afastadas, a possibilidade de permanecer um dia inteiro no Centro, potencia a sua atractividade.

Finalmente, o **Auditório** terá como segmentos preferenciais a população local e a população escolar. No primeiro caso, a programação do auditório poderá consistir numa oferta qualificada para os diversos segmentos da população residente, dentro de

várias áreas de animação – cinema, conferências, espectáculos, etc, No segundo caso, a existência do auditório permite a eventual organização de eventos (espectáculos, por exemplo de circo ou de teatro humorístico) associados a um programa de um dia no CAC.

Este posicionamento justificará uma estratégia de comunicação e uma política de preços adequadas que permitam retirar o máximo de vantagens, quer em termos de volume de visitantes e de utilizadores de outras actividades em atelier ou por inscrição, quer em termos de despesa média por visitante (preço de ingresso, inscrição nos ateliers ou outras actividades pagas, compra de *merchandising* e outras despesas de consumo nos serviços de bar, cafetaria, etc.) dentro do CAC.

5.4. Projecção de visitantes do Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras

A definição do posicionamento do Centro de Artes do Carnaval e a programação das suas ofertas permitem estabelecer os pressupostos para elaborar a projecção quantitativa dos visitantes e da frequência das actividades oferecidas pelo CAC, por segmentos de público-alvo, com vista ao desenvolvimento do estudo económico.

5.4.1. Dimensionamento dos segmentos de público alvo

O primeiro passo consiste no dimensionamento dos vários segmentos de público alvo, com base na informação estatística disponível. O quadro seguinte sintetiza a informação relevante, com base nos quadros estatísticos apresentados em anexo (no final do capítulo)

Segmentos de público-alvo		Dimensão
Famílias com filhos (considera-se para efeitos de cálculo do nº de pessoas o valor de 3,1 pessoas em média por família)	Torres Vedras	14 426
	Oeste (s/ T. Vedras)	52 637
	Médio Tejo	43 581
	Lisboa	531 864
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	1 448 147
Famílias sem filhos (considera-se para efeitos de cálculo do nº de pessoas o valor de 3,1 pessoas em média por família)	Torres Vedras	6 634
	Oeste (s/ T. Vedras)	26 309
	Médio Tejo	23 029
	Lisboa	230 204
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	565 111

Turistas nacionais (por local de alojamento)	Torres Vedras	32 662
	Oeste (s/ T. Vedras)	122 551
	Médio Tejo	130 827
	Lisboa	113 320
Turistas estrangeiros (por local de alojamento)	Torres Vedras	5 276
	Oeste (s/ T. Vedras)	72 470
	Médio Tejo	154 964
	Lisboa	1 977 531
Alunos do ensino pré-primário	Torres Vedras	1 854
	Oeste (s/ T. Vedras)	6 744
Alunos do ensino básico	Torres Vedras	7 894
	Oeste (s/ T. Vedras)	28 264
	Médio Tejo	23 157
	Lisboa	281 357
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	744 834
Alunos do ensino secundário e profissional	Torres Vedras	3 127
	Oeste (s/ T. Vedras)	8 403
	Médio Tejo	9 455
	Lisboa	100 387
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	234 563
Alunos do ensino superior	Oeste	2 216
	Médio Tejo	3 515
	Lisboa	149 947
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	232 946
Docentes	Torres Vedras	1 303
	Oeste (s/ T. Vedras)	4 521
	Médio Tejo	4 389
	Lisboa	58 778
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	138 145
População residente com idades entre os 6 e os 14 anos	Torres Vedras	7 581
População residente com idades entre os 15 e os 19 anos	Torres Vedras	4 525
	Oeste (s/ T. Vedras)	16 940
População residente com idades entre os 20 e os 29 anos	Torres Vedras	10 922
	Oeste (s/ T. Vedras)	39 201
	Médio Tejo	30 994
	Lisboa	432 992
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	1 091 453
População residente com idades entre os 30 e os 64 anos	Torres Vedras	32 928
	Oeste (s/ T. Vedras)	121 020
	Médio Tejo	100 758
	Lisboa	1 264 171
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	3 192 897
População residente com 65 ou mais anos	Torres Vedras	12 564
	Oeste (s/ T. Vedras)	47 977
	Médio Tejo	47 213
	Lisboa	410 046
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Grande Lisboa)	1 175 693

5.4.2. Projectão do número de visitantes do CAC

Considerando as apostas definidas no quadro do posicionamento, a projecção de visitantes para o ano cruzeiro é feita considerando dois cenários de taxas de penetração nos diferentes segmentos de público-alvo.

Um primeiro **cenário A**, mais cauteloso, estabelece taxas de penetração mais baixas nos diferentes segmentos de mercado, estimando-se volumes de visitantes da seguinte ordem:

- Área de exposições do CAC: **75 660 visitantes /ano**, em ano cruzeiro;
- Área de documental do CAC: **1 829 visitantes /ano**, em ano cruzeiro.

Um segundo **cenário B**, mais optimista mas que implica uma estratégia e um plano de comunicação bem estruturados e devidamente realizados, justificando uma monitorização adequada no sentido de poder ir ajustando determinadas acções de comunicação relativamente aos visitantes efectivamente recebidos, estimando-se volumes de visitantes da seguinte ordem:

- Área de exposições do CAC: **116 180 visitantes /ano**, em ano cruzeiro;
- Área de documental do CAC: **3 348 visitantes /ano**, em ano cruzeiro.

Os quadros seguintes apresentam os valores discriminados pelos vários segmentos de público e as taxas de penetração admitidas. O segundo cenário admite taxas de penetração muito mais favoráveis, que resultarão de políticas de comunicação muito bem definidas e orientadas para os segmentos de público alvo, em função da programação. Por outro lado, considerou-se em determinados segmentos, sobretudo dentro da população do concelho ou da área de proximidade, a possibilidade de se repetir em média uma vez por ano a visita ao CAC, associando este facto à presença e frequência de outras actividades que pressupõem inscrição e número limitado de presenças (oficinas, ateliers ou outras).

Projeção de vistantes : área expositiva							
Segmentos de Públicos	Áreas Geográficas*	Dimensão do Segmento de Mercado	Taxa de Penetração (%) Cenário A	Taxa de Penetração (%) Cenário B	Frequência Potencial por Ano	Número Esperado de Visitas Cenário A	Número Esperado de Visitas Cenário B
Famílias com filhos (nº total de elementos)	Torres Vedras	14426	5,50%	9,00%	2	793	1298
	Oeste (s/ T. Vedras)	52637	1,40%	2,10%	1	737	1105
	Médio Tejo	43581	0,10%	0,25%	1	44	109
	Lisboa	531864	0,030%	0,055%	1	160	293
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	1448147	0,001%	0,003%	1	14	43
	Sub-total					1748	2849
Famílias sem filhos (nº total de elementos)	Torres Vedras	6634	4,00%	7,00%	1	265	464
	Oeste (s/ T. Vedras)	26309	0,90%	1,20%	1	237	316
	Médio Tejo	23029	0,05%	0,09%	1	12	21
	Lisboa	239204	0,010%	0,012%	1	24	29
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	565111	0,0006%	0,0009%	1	3	5
	Sub-total					541	835
	Sub-total famílias					2289	3683
	Sub-total vistantes em família					7096	11418
Turistas nacionais (alojados)	Torres Vedras	32662	25,0%	35,0%	1	8166	11432
	Oeste (s/ T. Vedras)	122551	3,0%	5,0%	1	3677	6128
	Médio Tejo	130827	0,1%	0,3%	1	131	392
	Lisboa	113320	0,2%	0,4%	1	227	453
	Sub-total					12199	18405
Turistas estrangeiros (alojados)	Torres Vedras	5276	20,0%	30,0%	1	1055	1583
	Oeste (s/ T. Vedras)	72470	3,5%	6,0%	1	2536	4348
	Médio Tejo	154964	0,5%	0,9%	1	775	1395
	Lisboa	1977531	0,05%	0,09%	1	989	1780
	Sub-total					5355	9105
	Sub-total turistas					17555	27510
Alunos do ensino pré-primário	Torres Vedras	1854	45,0%	57,0%	2	1669	2114
	Oeste (s/ T. Vedras)	6744	25,0%	40,0%	2	3372	5395
	Sub-total					5041	7509
Alunos do ensino básico	Torres Vedras	7894	35,0%	45,0%	2	5526	7105
	Oeste (s/ T. Vedras)	28264	6,0%	9,0%	2	3392	5088
	Médio Tejo	23157	3,0%	5,5%	1	695	1274
	Lisboa	281357	1,5%	2,5%	1	4220	7034
	Continente (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	744834	0,04%	0,07%	1	298	521
	Sub-total					14130	21021
Alunos do ensino secundário e profissional	Torres Vedras	3127	22,0%	35,0%	1	688	1094
	Oeste (s/ T. Vedras)	8403	4,0%	7,5%	1	336	630
	Médio Tejo	9455	2,0%	3,0%	1	189	284
	Lisboa	100387	0,30%	0,45%	1	301	452
	Continente (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	234563	0,06%	0,10%	1	141	235
	Sub-total					1655	2695
Alunos do ensino superior	Oeste	2216	2,00%	3,50%	1	44	78
	Médio Tejo	3515	0,40%	0,80%	1	14	28
	Lisboa	149947	0,02%	0,03%	1	30	45
	Continente (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	232946	0,01%	0,015%	1	23	35
	Sub-total					112	186
	Sub-total alunos					20938	31410
Docentes	Torres Vedras	1303	5,00%	9,00%	1	65	117
	Oeste (s/ T. Vedras)	4521	0,80%	1,50%	1	36	68
	Médio Tejo	4389	0,30%	0,50%	1	13	22
	Lisboa	58778	0,05%	0,09%	1	29	53
	Continente (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	138145	0,01%	0,017%	1	14	23
	Sub-total					158	283
	Sub-total população escolar					21095	31693
População residente com idades entre os 6 e os 14 anos	Torres Vedras						
		7581	12,5%	17,0%	1	948	1289
	Sub-total					948	1289
População residente com idades entre os 15 e os 19 anos	Torres Vedras						
	Oeste (s/ T. Vedras)	4525	35,0%	50,0%	1	1584	2263
	Sub-total	16940	5,0%	8,0%	1	847	1355
População residente com idades entre os 20 e os 29 anos	Torres Vedras	10922	30,00%	45,00%	1	2431	3618
	Oeste (s/ T. Vedras)	39201	2,00%	3,00%	1	3277	4915
	Médio Tejo	30994	0,50%	0,90%	1	784	1176
	Lisboa	432992	0,10%	0,16%	1	155	279
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	1091453	0,05%	0,08%	1	433	693
	Sub-total					546	873
População residente com idades entre os 30 e os 64 anos	Torres Vedras	32928	25,00%	32,00%	1	5194	7936
	Oeste (s/ T. Vedras)	121020	1,50%	3,00%	1	8232	10537
	Médio Tejo	100758	0,25%	0,45%	1	1815	3631
	Lisboa	1264171	0,10%	0,16%	1	252	453
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	3192897	0,05%	0,08%	1	1264	2023
	Sub-total					1596	2554
População residente com 65 ou mais anos	Torres Vedras	12564	10,0%	12,0%	1	13160	19198
	Oeste (s/ T. Vedras)	47977	5,0%	8,0%	1	1256	1508
	Médio Tejo	47213	4,0%	7,5%	1	2399	3838
	Lisboa	410046	0,5%	0,9%	1	1889	3541
	Portugal (s/ Oeste, Médio Tejo e Lisboa)	1175693	0,05%	0,08%	1	2050	3690
	subtotal					588	941
	Sub-total população em geral					8182	13518
	TOTAL					29914	45558
						75660	116180

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População de 2001 e Anuário Regional de 2004

Projeção de visitantes : área documental						
Segmentos de Públicos	Áreas Geográficas*	Dimensão do Segmento de Mercado	Taxa de Penetração (%) Cenário A	Taxa de Penetração (%) Cenário B	Número Esperado de Visitas Cenário A	Número Esperado de Visitas Cenário B
Alunos do ensino básico	Torres Vedras	7894	2,5%	4,0%	197	316
	Oeste (s/ T. Vedras)					
	Sub-total	28264	4,0%	7,0%	1131	1978
Alunos do ensino secundário e profissional	Torres Vedras	3127	5,0%	12,0%	156	375
	Oeste (s/ T. Vedras)	8403	1,0%	2,5%	84	210
	Sub-total				240	585
Alunos do ensino superior	Oeste	2216	0,600%	1,000%	13	22
	Médio Tejo	3515	0,005%	0,008%	0	0
	Lisboa	149947	0,001%	0,002%	1	3
Sub-total					15	25
Sub-total alunos					1583	2905
Docentes	Torres Vedras	1303	3,0%	8,0%	39	104
	Oeste (s/ T. Vedras)	4521	0,5%	1,5%	23	68
	Médio Tejo	4389	0,001%	0,003%	0	0
	Lisboa	58778	0,001%	0,003%	1	2
	Sub-total				62	174
Sub-total população escolar					1646	3079
População residente com idades entre os 20 e os 29 anos	Torres Vedras	10922	0,10%	0,15%	11	16
	Oeste (s/ T. Vedras)					
	Sub-total	39201	0,05%	0,07%	20	27
População residente com idades entre os 30 e os 64 anos	Torres Vedras	32928	0,20%	0,30%	66	99
	Oeste (s/ T. Vedras)					
	Sub-total	121020	0,060%	0,080%	73	97
População residente com 65 ou mais anos	Torres Vedras	12564	0,01%	0,02%	1	3
	Oeste (s/ T. Vedras)	47977	0,01%	0,02%	5	10
	Médio Tejo	47213	0,01%	0,02%	5	9
	Lisboa	410046	0,001%	0,002%	4	8
	subtotal				15	30
Sub-total população em geral					184	269
TOTAL					1829	3348

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População de 2001 e Anuário Regional de 2004

5. Condições de viabilidade financeira

ANEXOS

- **Plano de Acções da Área de Animação e Expressão Artística para o Biénio 2006/07**
- **Fichas de Acção com descrição e orçamento**
- **Programa Preliminar do Centro de Artes do Carnaval – desenhos e plantas**

CENTRO DE ARTES DO CARNAVAL DE TORRES VEDRAS

Acções p/ o ano 2006/07

RESUMO DAS ACÇÕES		HORAS/ /SESSÃO	SESSÕES P/ SEM	N SEMANAS	TOTAL MÓDULO	MÓDULO/ /ANO	HORAS MÓDULO/ANO	TOTALS BIÊNIO
1. Área de Animação e Expressão Artística								
FICHAS	ARTES-PLÁSTICAS (Cursos Breves)							
1	Iniciação ao Desenho - Nível 0 (20h)	2,5	2	4	20	2	40	
1	Iniciação ao Desenho - Nível 1 a 3 (30h)	3	2	5	30	3	90	
2	Iniciação à Expressão Tridimensional - Nível 0 (30h)	3	2	5	30	2	60	
2	Iniciação à Expressão Tridim. -Nível 1 a 3 (30h)	3	2	5	30	3	90	
3	Iniciação à Expressão Plástica Bidim. - Nível 0 (20h)	2,5	2	4	20	2	40	
3	Iniciação à Expressão Plástica Bidim. -1 a 3 (30h)	3	2	5	30	3	90	
4	Introdução às Artes-Plásticas - teórica -Niv. 0 (12h)	2	2	3	12	2	24	
4	Introdução às Artes-Plásticas - teórica -Niv. 0 (20h)	2	2	5	20	3	60	494
FICHAS	MULTIMÉDIA (Cursos Breves)							
5	Iniciação à Fotografia Foto-Química - Nível 0 (12h)	2	2	3	12	2	24	
5	Iniciação à Fotografia Foto-Química - Nível 1 a 3 (30h)	3	2	5	30	3	90	
6	Video e Multimédia - Nível 0 (12h)	2	2	5	20	2	40	
6	Video e Multimédia - Nível 1 a 3 (30h)	3	3	4	36	3	108	
7	Imagem Infográfica - Nível 0 (12h)	2,5	2	4	20	2	40	
7	Imagem Infográfica - Nível 1 a 3 (30h)	3	2	5	30	3	90	392
FICHAS	ARTES PERFORMATIVAS (Cursos Breves)							
8	Iniciação à Expressão Dramática (?h)				0		0	
9	Iniciação à Dança e Expressão Corporal (?h)				0		0	
10	Iniciação à Expressão Musical (?h)				0		0	0
FICHAS	ATELIERS TEMÁTICOS (Work-shops)							
11	Figurinos e adereços decorativos. (30h)	3	2	5	30	3	90	
12	Construção de Gigantones e Cabeçudos (45h)	3	2	7,5	45	3	135	
13	Concepção e fabrico de máscaras (30h)	3	2	5	30	3	90	
14	Ateliers de fantoches e marionetas. (30h)	3	2	5	30	3	90	
15	Caricatura e desenho humorístico (30h)	3	2	5	30	3	90	
16	Atelier de Cinema de animação (30h)	3	2	5	30	3	90	
17	Desenho no computador (30h)	3	2	5	30	3	90	
18	Expressão musical (?h)				0		0	
19	Construção de instrumentos musicais (?h)				0		0	
20	Dança e expressão corporal (?H)				0		0	675
TOTAL ACUMULADO DE HORAS P/ ANO (de todas as acções)							1561	

2. Descrição

3. Carga Horária

- ## 4. Objetivos

- ## 5. Públicos-alvo e respectivos horários

- **Nível 0** Alunos do 1º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
- **Nível 1 e 3** Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado- horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Atelier de Desenho do CAC
- Jardins e monumentos da Cidade

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1.230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)
- 20h c/ 15 participantes: € **975,00** Euros (incidência p/ participante = € 65.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Ministério da Cultura;
- Mecenato Cultural;

- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposições periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Registo fotográfico de exemplares relevantes e sua eventual aquisição para o acervo municipal.
- Projectção de filmes, colóquios e palestras sobre a temática do curso com a participação de personalidades convidadas.

INICIAÇÃO AO DESENHO					
					Ficha de Acção n.º 1
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
Imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
Imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS

1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	20,00	400,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	550,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
Imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
Imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	775,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			193,75	193,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					968,75
Incidência por Participante		15,00			64,58

1. Designação

INICIAÇÃO À EXPRESSÃO TRIDIMENSIONAL

2. Descrição

Introdução à escultura, compreendida como disciplina das formas e do espaço

3. Carga Horária

- Nível 0 30horas (3hx10 sessões)
- Nível 1 a 3 30horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Desenvolver a capacidade de observação objectiva e representação de formas volumétricas;
- Desenvolver a capacidade de conceber e produzir estruturas estáticas ou cinéticas;
- Estimular a capacidade de compor diferentes elementos físicos e visuais como modo de organização um espaço dado;
- Estimular as tendências de cada personalidade como modo de desenvolvimento de opções e linguagens pessoais
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelo Escultura e demais Artes-Plásticas;
- Estimular a capacidade de expressão, de afirmação pessoal e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Alunos do Ensino Básico do 1º ciclo (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

- Nível 1 a 3 Alunos do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia
Alunos do Ensino Básico do 3º ciclo (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Atelier de Escultura do CAC-TV
- Logradouro do CAC-TV

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da região
- Escolas

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental ⁱ

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1.410,00** Euros (incidência p/ participante = € 94.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Ministério da Cultura;

- Mecenato Cultural;
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposições periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Registo fotográfico de exemplares relevantes e s/ eventual aquisição para o acervo Municipal da Câmara.
- Projectção de filmes, colóquios e palestras sobre a temática do curso com a participação personalidades convidadas.

¹ Estes valores foram arredondados a partir dos resultados obtidos nesta tabela de cálculo segundo dados fornecidos pelo CRAT.

INICIAÇÃO É EXPRESSÃO TRIDIMENSIONAL

Ficha de Acção n.º 2

Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO			TOTAIS	
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	20,00	15,00	300,00	375,00	1.125,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			281,25	281,25
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.406,25
Incidência por Participante		15,00			93,75

1. Designação

INTRODUÇÃO À EXPRESSÃO PLÁSTICA BI-DIMENSIONAL

2. Descrição

Introdução à Pintura, compreendida como disciplina que aborda a imagem virtual desenvolvida num espaço plano, seu cromatismo e regras de organização.

3. Carga Horária

- Nível 0 20horas (2,5hx8 sessões)
- Nível 1 a 3 30horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Desenvolver a capacidade de representação de formas e espaços num suporte plano;
- Proporcionar o conhecimento dos diferentes movimentos e correntes artísticas.
- Desenvolver o conhecimento e a prática de diversas técnicas pictóricas e outras afins adoptadas pelas expressões contemporâneas;
- Desenvolver a capacidade de compor elementos visuais diversos num espaço plano;
- Estimular as tendências de cada personalidade como modo de desenvolvimento de linguagens pessoais
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pela Pintura e demais Artes-Plásticas;
- Estimular a capacidade de expressão, de afirmação pessoal e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Alunos do 1º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

- Nível 1 a 3 Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Todos os que tenham concluído o nível anterior.

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Atelier de Expressão Plástica do CAC
- Logradouro do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1.410,00** Euros (incidência p/ participante = € 94.00 Euros)
- 20h c/ 15 participantes: € **1.170,00** Euros (incidência p/ participante = € 78.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Ministério da Cultura
- Mecenato Cultural

- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposições periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Registo fotográfico de exemplares relevantes e s/ eventual aquisição para o acervo municipal.
- Projectação de filmes, colóquios e palestras sobre a temática do curso com a participação de personalidades convidadas.

INTRODUÇÃO À EXPRESSÃO PLÁSTICA BI-DIMENSIONAL					
Ficha de Acção n.º 3					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	20,00	15,00	300,00	375,00	1.125,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			281,25	281,25
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.406,25
Incidência por Participante		15,00			93,75
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	20,00	400,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	550,00	

2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	20,00	15,00	300,00	375,00	925,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			231,25	231,25
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.156,25
Incidência por Participante		15,00			77,08

Área de Animação e Expressão Artística

Ficha de Acção n.º 4

ARTES-PLÁSTICAS (Cursos Breves)

1. Designação

INTRODUÇÃO ÀS ARTES-PLÁSTICAS (teórico)

2. Descrição

Breve História de Arte do Ocidente e dos movimentos artísticos do século XX.

3. Carga Horária

- Nível 0 12horas (2hx6 sessões)
- Nível 1 a 3 20horas (2hx10 sessões)

4. Objectivos

- Entender a Arte como um processo que se inscreve, necessariamente, no contexto sócio-histórico de cada época, bem como a influência que o pensamento, o estado da ciência e da técnica, da evolução política, social e económica têm sobre determinados movimentos e estilos artísticos;
- Proporcionar o conhecimento dos diferentes movimentos e correntes artísticas e as suas características mais marcantes;

- Desfazer mitos, preconceitos e deturpações históricas, disseminadas em algumas sub culturas populares, sobre os fenómenos artísticos e os seus agentes;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes-Plásticas e pelas Artes, em geral;
- Apoiar culturalmente a eventual prática artística, a afirmação cultural e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados disponíveis;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Anfiteatro ou qualquer outra sala

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 20h c/ 15 participantes: € **975,00** Euros (incidência p/ participante = € 65.00 Euros)
- 12h c/ 15 participantes: € **705,00** Euros (incidência p/ participante = € 47.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Ministério da Cultura
- Mecenato Cultural
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Projectação de filmes temáticos.
- Colóquios com personalidades do meio artístico

INTRODUÇÃO ÀS ARTES–PLÁSTICAS (teórico)					
Ficha de Acção n.º 4					
Custo tipo para um módulo de 12 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	12,00	240,00		
Coordenador interno	15,00	6,00	90,00	330,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	555,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			138,75	138,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					693,75
Incidência por Participante		15,00			46,25
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	20,00	400,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	550,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	775,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			193,75	193,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					968,75

Incidência por Participante		15,00			64,58
------------------------------------	--	-------	--	--	-------

Área de Animação e Expressão Artística

Ficha de Acção n.º 5

MULTIMÉDIA (Cursos Breves)

1. Designação

INICIAÇÃO À FOTOGRAFIA FOTO-QUÍMICA

2. Descrição

Iniciação á fotografia tradicional, desde o uso da máquina à revelação fotoquímica na câmara escura.

3. Carga Horária

- Nível 0 12 horas (2hx6 sessões)
- Nível 1 e 2 30horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Conhecer teórica e praticamente o ambiente tecnológico da fotografia tradicional;
- Conhecer os diferentes domínios da fotografia e suas características particulares;
- Desenvolver conhecimentos tecnológicos de base que permitam a autonomia de pesquisa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Alunos do Ensino Básico do 1º ciclo (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;

- Nível 1 a 3 Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Centro multimédia do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)
- 12h c/ 15 participantes: € **705,00** Euros (incidência p/ participante = € 47.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras

- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposições periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Edição de catálogo ou outra publicação onde se divulgue uma selecção dos melhores trabalhos realizados e s/ eventual aquisição para o acervo municipal

INICIAÇÃO À FOTOGRAFIA FOTO-QUÍMICA					
					Ficha de Acção n.º 5
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	12,00	240,00		
Coordenador interno	15,00	6,00	90,00	330,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	555,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			138,75	138,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					693,75
Incidência por Participante		15,00			46,25
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimativa)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75

Incidência por Participante		15,00			81,25
------------------------------------	--	-------	--	--	-------

Área de Animação e Expressão Artística

Ficha de Acção n.º 6

MULTIMÉDIA (Cursos Breves)

1. Designação

VÍDEO E MULTIMÉDIA

2. Descrição

Iniciação ao vídeo e ao tratamento em ambiente informático da matéria captada.

3. Carga Horária

- Nível 0 20 horas (2h x 10 sessões)
- Nível 1 e 2 30 horas (3h x 10 sessões)

4. Objectivos

- Conhecer teórica e praticamente o ambiente tecnológico do vídeo e multimédia;
- Conhecer os diferentes usos do vídeo, a sua articulação com o computador e respectivos periféricos;
- Desenvolver conhecimentos tecnológicos de base que permitam a autonomia de pesquisa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Alunos do 1º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
- Nível 1 a 3 Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Centro multimédia do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)
- 20h c/ 15 participantes: € **975,00** Euros (incidência p/ participante = € 65.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Apresentações periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Edição de exemplares relevantes e s/ eventual aquisição para o acervo municipal.

VÍDEO E MULTIMÉDIA					
Ficha de Acção n.º 6					
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	20,00	400,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	550,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	775,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			193,75	193,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					968,75
Incidência por Participante		15,00			64,58
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB-TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB-TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75

Incidência por Participante		15,00			81,25
------------------------------------	--	-------	--	--	-------

Área de Animação e Expressão Artística

Ficha de Acção n.º 7

MULTIMÉDIA (Cursos Breves)

1. Designação

IMAGEM INFOGRÁFICA

2. Descrição

Iniciação à manipulação, e criação de imagens (foto ou desenho) através de meios informáticos.

3. Carga Horária

- Nível 0 20 horas (2hx10 sessões)
- Nível 1 e 2 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Conhecer teórica e praticamente os ambientes tecnológicos destinados ao tratamento de imagens;
- Conhecer os diferentes meios de captação de imagens, a sua articulação com o computador e respectivos periféricos;
- Desenvolver conhecimentos tecnológicos de base que permitam a autonomia de pesquisa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

- Nível 0 Alunos do 1º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;

- Nível 1 a 3 Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados disponíveis;
Todos os que tenham concluído o nível anterior

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

- Nível 0 Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
- Nível 1 a 3 Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);
Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);
Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;
Todos os que tenham concluído o nível anterior.

6. Espaços a utilizar

- Centro multimédia do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)
- 20h c/ 15 participantes: € **975,00** Euros (incidência p/ participante = € 65.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras

- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Apresentações periódicas dos melhores trabalhos realizados.
- Edição de exemplares relevantes e s/ eventual aquisição para o acervo municipal.

VÍDEO E MULTIMÉDIA					
					Ficha de Acção n.º 7
Custo tipo para um módulo de 20 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORA S	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	20,00	400,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	550,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PAR T	Nº PARTs	PRODº	SUBT OTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	775,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			193,75	193,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					968,75
Incidência por Participante		15,00			64,58
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORA S	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PAR T	Nº PARTs	PRODº	SUBT OTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75

4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

Área de Animação e Expressão Artística

Ficha de Acção n.º 11

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

FIGURINOS E ADEREÇOS DECORATIVOS

2. Descrição

Atelier de figurinos e adereços decorativos relacionados com eventos e festividades.

3. Carga Horária

- Cada módulo 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Despertar o sentido de mobilização colectiva em torno de um evento ou festividade de interesse comunitário;
- Recuperar tecnologias artesanais que caíram em desuso pela oferta de sucedâneos industriais;
- Desenvolver a capacidade de organização autónoma de trabalho de equipa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis.

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Oficinas do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados.
- Registo fotográfico e videográfico do atelier e de uma selecção dos trabalhos mais bem sucedidos.
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

FIGURINOS E ADEREÇOS DECORATIVOS					
Ficha de Acção n.º 11					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

CONSTRUÇÃO DE GIGANTONES E CABEÇUDOS

2. Descrição

Oficina de construção de Gigantones e Cabeçudos relacionados com o Carnaval ou outros eventos e festividades.

3. Carga Horária

- Cada módulo 45 horas (3hx 15sessões)

4. Objectivos

- Despertar a capacidade de mobilização colectiva em torno de um evento ou festividade de interesse comunitário;
- Recuperar tecnologias artesanais que usam materiais não poluentes e que caíram em desuso pela oferta de sucedâneos industriais;
- Desenvolver a capacidade de organização autónoma e do trabalho de equipa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Oficinas do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 45h c/ 15 participantes: € **1 695,00** Euros (incidência p/ participante = € 113.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados e eventual edição de um catálogo.
- Registo fotográfico e videográfico do atelier e dos trabalhos mais bem sucedidos.
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

CONSTRUÇÃO DE GIGANTONES E CABEÇUDOS					
Ficha de Acção n.º 12					
Custo tipo para um módulo de 45 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	45,00	900,00		
Coordenador interno	15,00	15,00	225,00	1.125,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	1.350,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			337,50	337,50
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.687,50
Incidência por Participante		15,00			112,50

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

CONCEPÇÃO E FABRICO DE MÁSCARAS

2. Descrição

Oficina de modelação, moldagem e pintura de máscaras para Teatro, Carnaval ou outros eventos.

3. Carga Horária

- Cada módulo 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Despertar a capacidade de mobilização colectiva em torno de um evento ou festividade de interesse comunitário;
- Recuperar tecnologias artesanais que usam materiais não poluentes e que caíram em desuso pela oferta de sucedâneos industriais;
- Desenvolver a capacidade de organização autónoma e do trabalho de equipa;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Oficinas do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados e eventual edição de um catálogo;
- Registo fotográfico e videográfico do atelier e dos trabalhos mais bem sucedidos;
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

CONCEPÇÃO E FABRICO DE MÁSCARAS					
Ficha de Acção n.º 13					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

ATELIER DE FANTOCHES E MARIONETAS

2. Descrição

Oficina de concepção, modelação, pintura, construção e manipulação de personagens para Teatro de Fantoques e Marionetas.

3. Carga Horária

- Cada módulo 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Despertar a capacidade de mobilização colectiva em torno de um evento ou festividade de interesse comunitário;
- Recuperar tecnologias artesanais que usam materiais não poluentes e que caíram em desuso pela oferta de sucedâneos industriais;
- Desenvolver a capacidade de organização autónoma de equipas multidisciplinares;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Oficinas do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados e eventual edição de um catálogo.
- Registo fotográfico e videográfico do atelier e dos trabalhos mais bem sucedidos.
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

ATELIER DE FANTOCHES E MARIONETAS					
Ficha de Acção n.º 14					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
Imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
Imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

CARICATURA E DESENHO HUMORÍSTICO

2. Descrição

Atelier de Desenho especialmente vocacionado para a expressão humorística.

3. Carga Horária

- Cada módulo 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Desenvolver a capacidade de observação segundo critérios de análise objectiva;
- Adestrar um conjunto de automatismos psico-motores que estão subjacentes às práticas gerais do Desenho;
- Desenvolver as especificidades da expressão humorística;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelo Desenho e demais Artes-Plásticas;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Atelier de Desenho do CAC-TV

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados e eventual edição de um catálogo;
- Registo fotográfico e videográfico do atelier e dos trabalhos mais bem sucedidos;
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

CARICATURA E DESENHO HUMORÍSTICO					
Ficha de Acção n.º 15					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
Imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
Imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

ATELIER DE CINEMA DE ANIMAÇÃO

2. Descrição

Iniciação às técnicas básicas do Cinema de Animação.

3. Carga Horária

- Cada módulo de 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Conhecer os princípios básicos do Cinema de Animação;
- Experimentar diferentes recursos narrativos usados no Cinema de Animação
- Desenvolver diferentes processos de animação;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelo Cinema e a sua relação com outras Artes;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia;

6. Espaços a utilizar

- Centro Multimédia do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Projectação dos trabalhos realizados No CAC e nas Escolas
- Eventual edição de um catálogo do atelier.
- Integração dos trabalhos no evento para o qual foram realizados.

ATELIER DE CINEMA DE ANIMAÇÃO					
Ficha de Acção n.º 16					
Custo tipo para um módulo de 30 horas c/ 15 participantes (Valores em euros €)					
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

ATELIERS TEMÁTICOS

1. Designação

INICIAÇÃO AO DESENHO NO COMPUTADOR

2. Descrição

Iniciação à criação e manipulação, de imagens desenhadas através de meios informáticos.

3. Carga Horária

- Cada módulo de 30 horas (3hx10 sessões)

4. Objectivos

- Conhecer alguns ambientes tecnológicos destinados ao desenho e tratamento de imagens;
- Conhecer os diferentes meios de captação de imagens, a sua articulação com o computador e respectivos periféricos;
- Desenvolver conhecimentos práticos que permitam a experiência em autonomia;
- Contribuir para a sensibilização e o interesse pelas Artes, em geral;
- Estimular a capacidade de expressão, a integração social e a correspondente auto-estima.

5. Públicos-alvo e respectivos horários

Dias úteis - horário diurno

Alunos do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados disponíveis;

Dias úteis - horário pós-laboral e Sábado - horário diurno

Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (protocolos c/ escolas);

Alunos do Ensino Secundário e similares (protocolos c/ escolas);

Adultos escolarizados, ocupados durante o dia.

6. Espaços a utilizar

- Centro Multimédia do CAC

7. Promoção

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Associações culturais da Região
- Escolas da Região

8. Data

A partir de 1 de Outubro de 2006 a 31 de Junho de 2007

9. Estimativa orçamental

Para cada módulo de:

- 30h c/ 15 participantes: € **1 230,00** Euros (incidência p/ participante = € 82.00 Euros)

10. Fontes de financiamento possíveis

- Câmara Municipal de Torres Vedras
- Propinas dos participantes (alguns cursos para determinados públicos-alvo, podem e devem ser remunerados)

11. Actividades complementares

- Exposição dos trabalhos realizados
- Eventual edição de um catálogo.

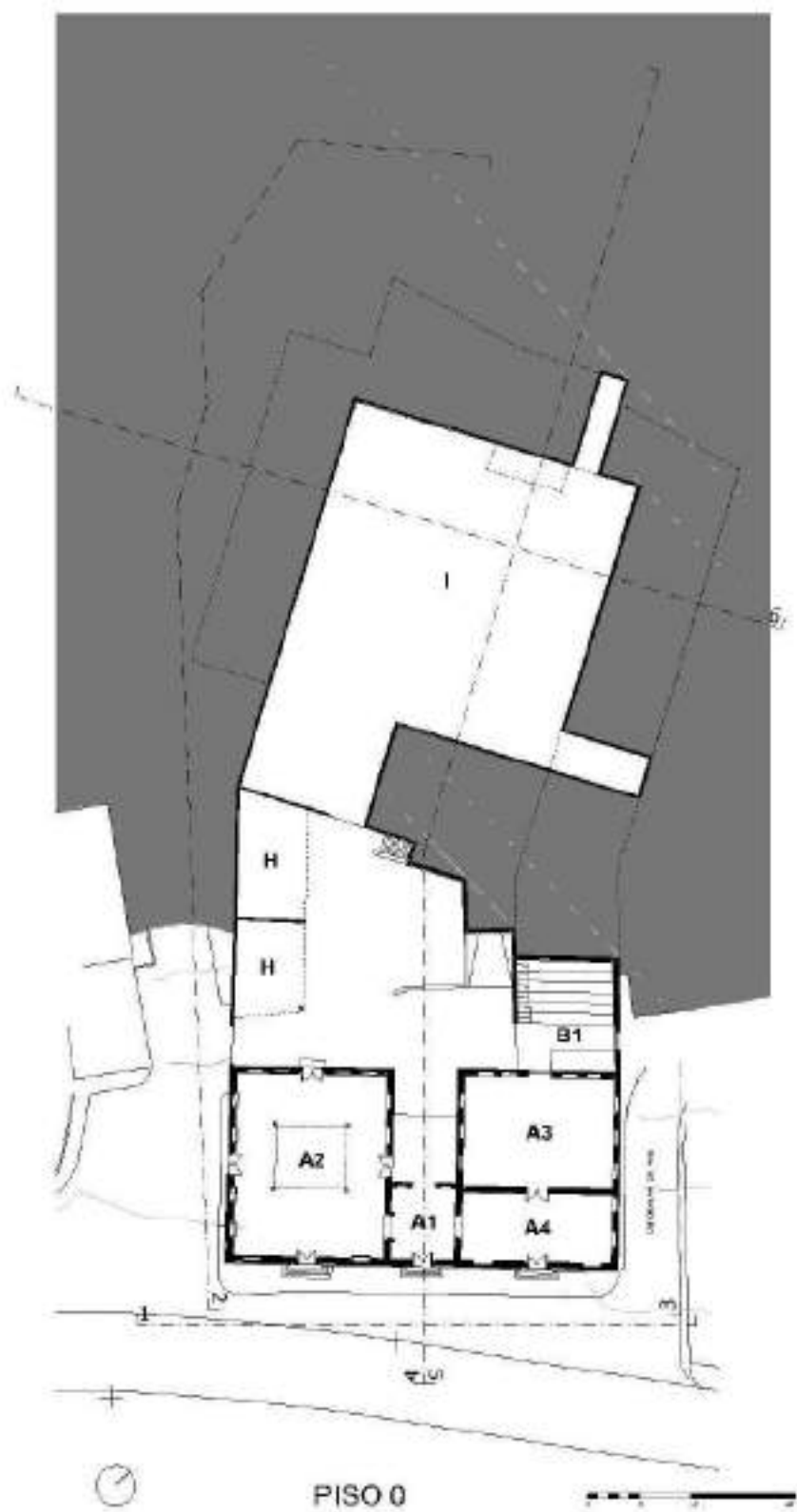
INICIAÇÃO AO DESENHO NO COMPUTADOR

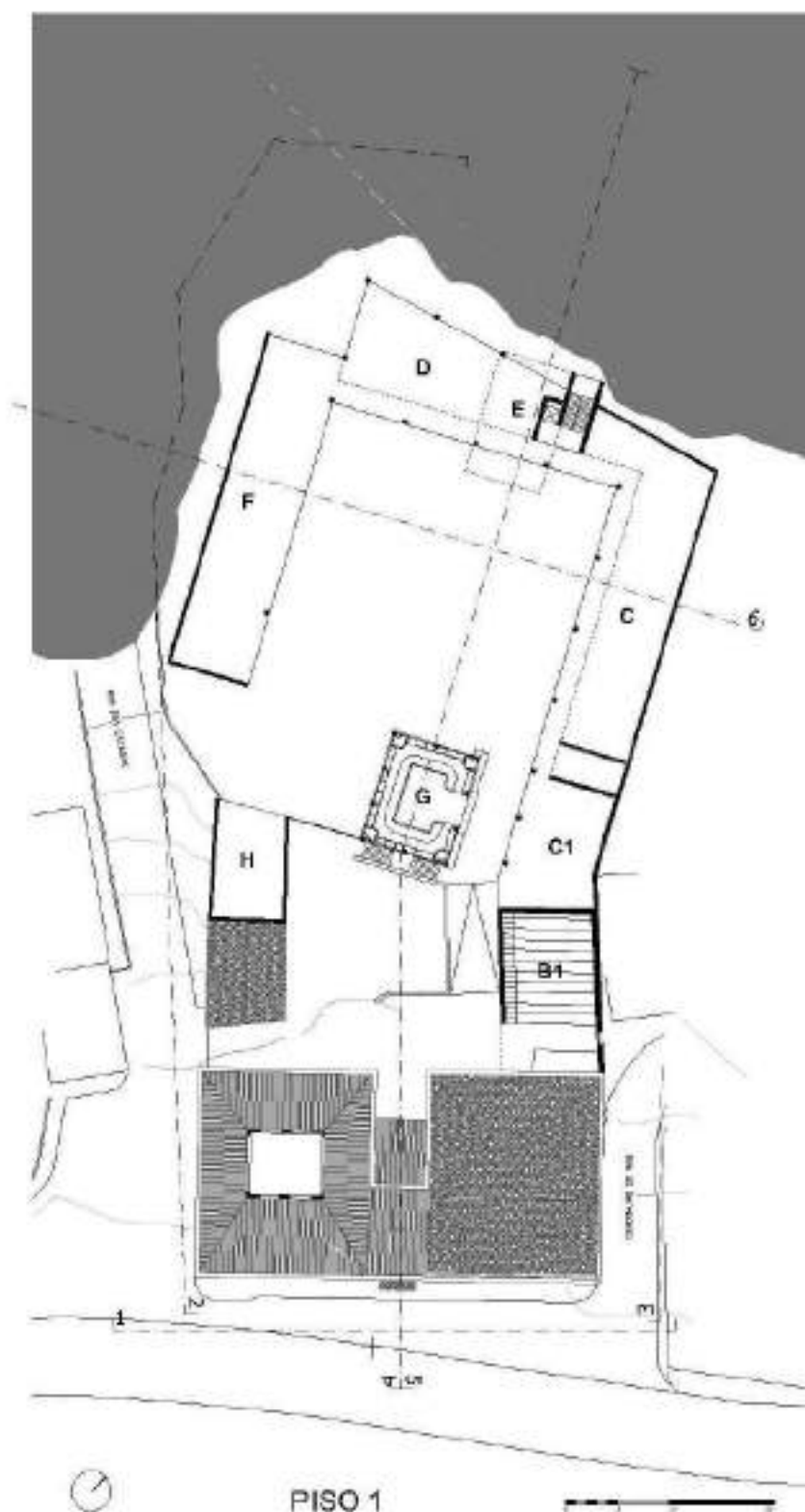
Ficha de Acção n.º 17

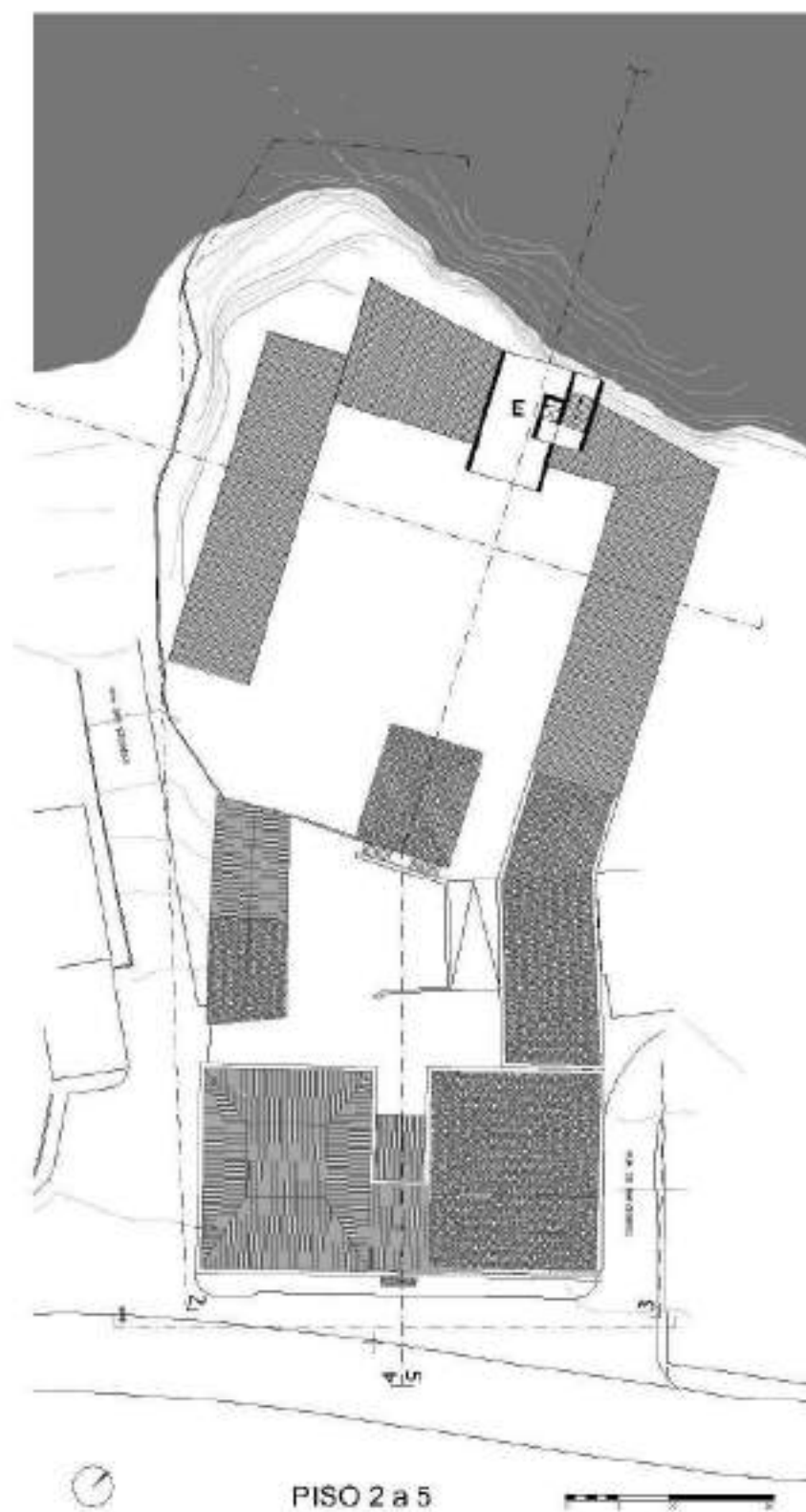
Custo tipo para um módulo de **30 horas** c/ 15 participantes (Valores em euros €)

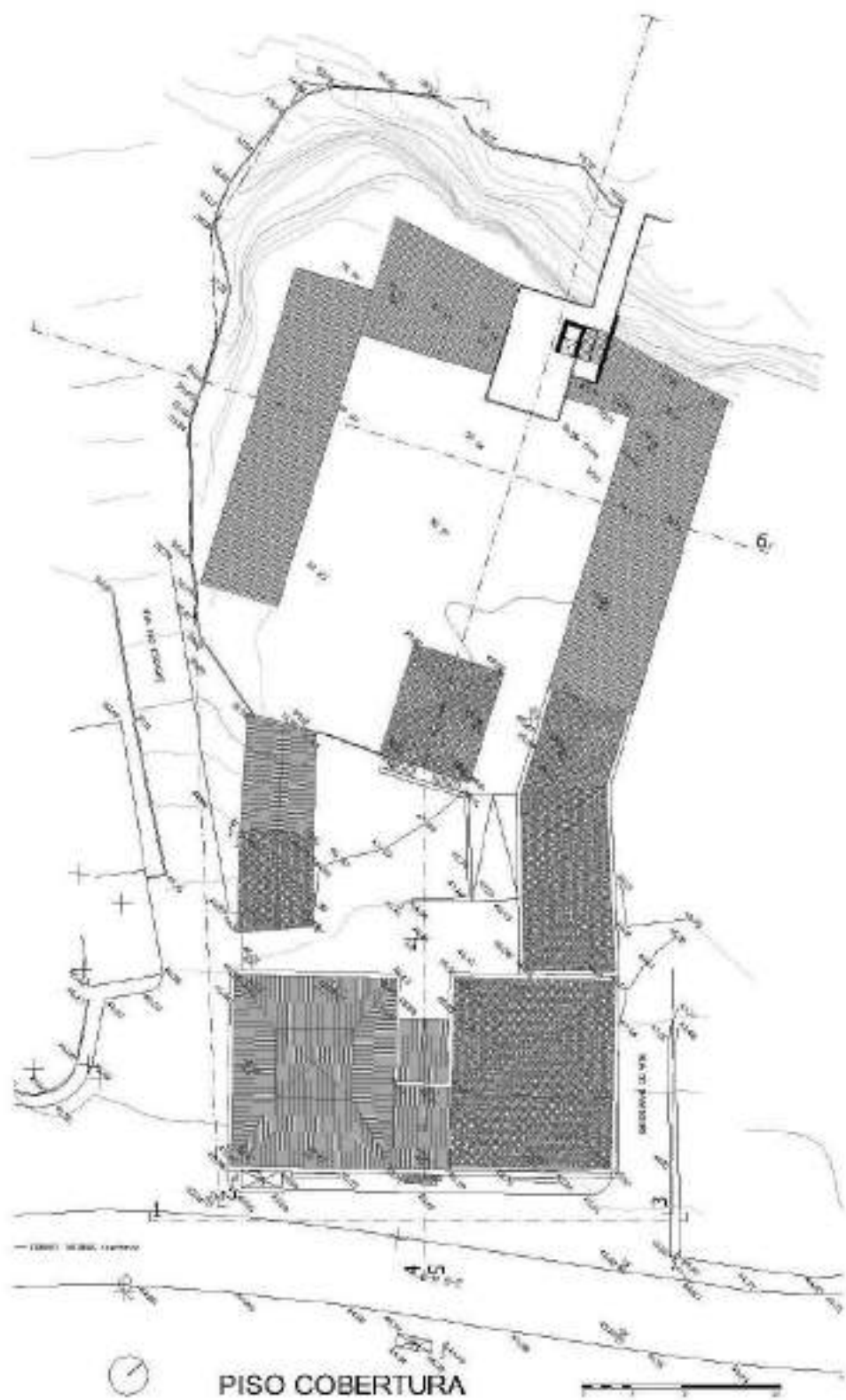
CENTROS DE CUSTOS	FACTORES DE CUSTO				TOTAIS
1. RECURSOS HUMANOS	VAL /H	Nº HORAS	PRODº	SUB- TOTAL	
Monitor externo	20,00	30,00	600,00		
Coordenador interno	15,00	10,00	150,00	750,00	
2. OUTRAS DESPESAS	P/PART	Nº PARTs	PRODº	SUBTOTAL	
imputações indirectas p/ participante	5,00	15,00	75,00		
imputações directas p/ participante (estimª)	10,00	15,00	150,00	225,00	975,00
3. PRODUÇÃO	TAX S/TOT			SUB- TOTAL	
Custos de produção (25% s/ total da acção)	0,25			243,75	243,75
4. CUSTO TOTAL DA ACÇÃO					1.218,75
Incidência por Participante		15,00			81,25

Programa Preliminar do Centro de Artes do Carnaval – desenhos e plantas



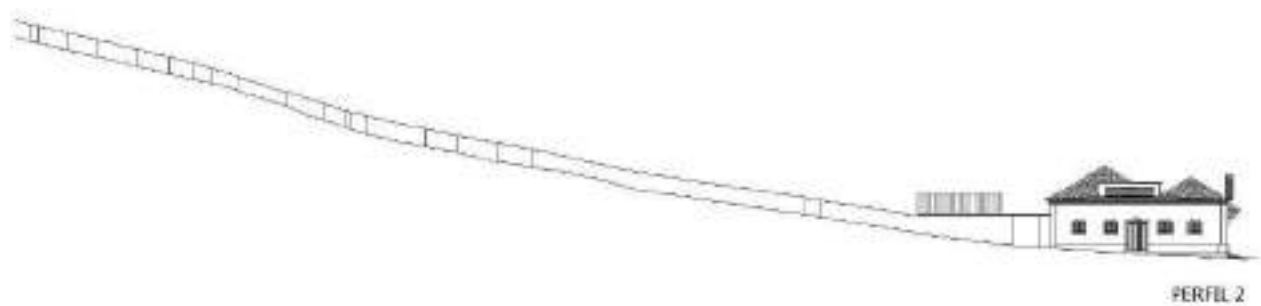






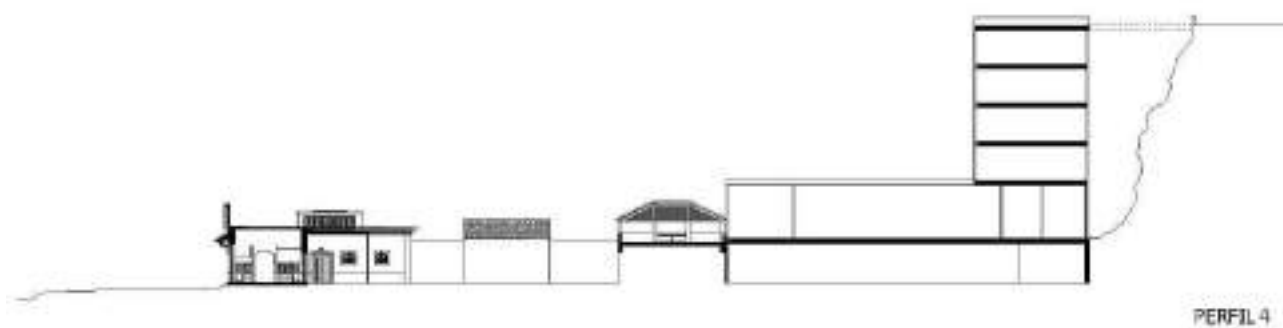


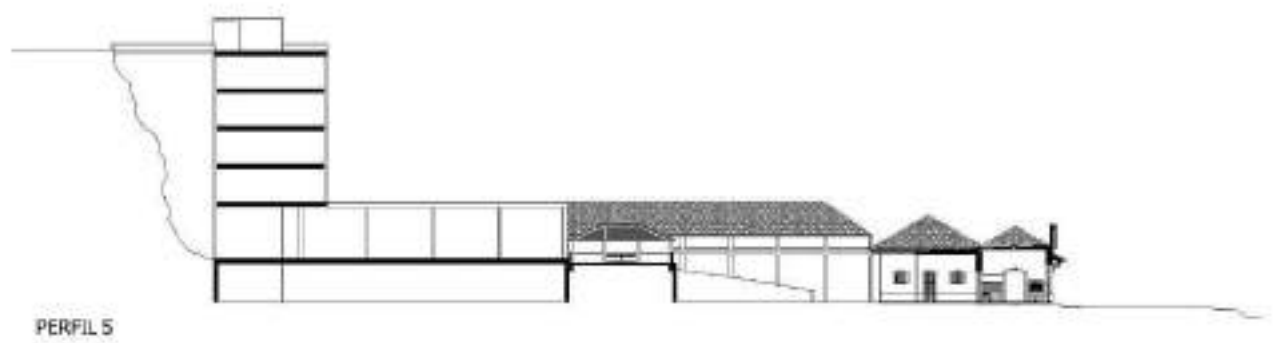
PERFIL 1

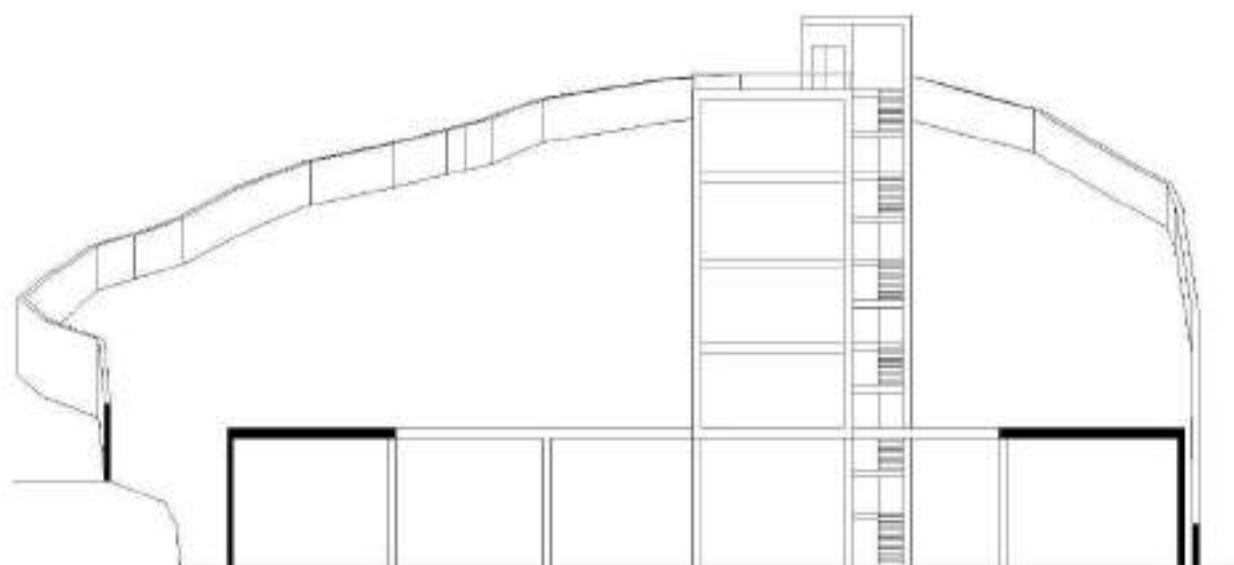




PERFIL 3







PERFIL 6